

Fita 9 -> Bado A

4 25 de janeiro de 1993. A Josefa vai tentar relatar a sua vida de 45 a 1983 aqui no Rio de Janeiro, depois da saída deles do nordeste após a prisão dela e do Ruyza.

5 Bem, quando eu cheguei aqui em 1975, o meu velho já estava aqui que ele veio primeiro de que eu e nós ficamos passando uma semana em cada casa dos filhos. (...) Tinha 2 filhos que são meus 2 enteados, a menina e o rapaz, e nós ficamos pra não dar dispersa a todos eles ficando só na casa de um, nós ficamos passando uma semana. Uma semana, de 15 em 15 dias assim (...) uma hora na casa da filha outra hora na casa do filho. O meu cosme morava aqui, mas também 'tava muito atrapalhado. A casa dele era um cômodo só e a cozinha, a gente não podia ficar lá que já estava muito apertado, que era ele e os 3 filhos e a mulher. Então, nós ficamos assim. Depois (...) meu marido começou a fazer umas canetas, descobriu umas canetas que ele tinha aprendido lá. O meu enteado ele é meio brincalhão, começou a dizer que meu velho ia ficar rico, que ia abrir uma indústria de canetas e tal. Mas aquilo era uma espécie de zombaria que ele foi sempre assim meio zombeteiro. Então, nós começamos a pensar na saída que nós saímos... meu marido procurava as pessoas conhecidas antigas, claro que não ia achar, porque estava tudo dispersado, outras tinham morrido, outras tinham desaparecido.

4 Na verdade o partido do Rio de Janeiro tinha se desarticulado.

5 Tinha se desarticulado tudo. Então, nós começamos a pensar em arranjar um serviço de caseiro. Inclusive foi um conhecido da Bronildes que arrumou um serviço de caseiro pra nós em Pedra de Guaratiba. Nós fomos pra lá trabalhar. Depois disso... Nós passamos pouco tempo porque era um tipo mansão, uma casa muito grande. A casa não era muito grande, mas o quintal era assim uma quadra de terra grande. (...) Por exemplo, a frente da casa, pra limpar a frente do quintal gastava-se 2 horas, os fundos a mesma coisa. Tinha pássaros. Só pássaros tinha mais de 1000. Gaiolas diferentes, gaiolas maiores, gaiolas menores. Então, quando eu fui ver o trabalho que eu vi aquilo eu fiz o seguinte, eu não peguei salário pra mim. Deixei ele pegar salário só. Porque eu não ia trabalhar com responsabilidade com a dona da casa e sim com ele. Quer dizer, só ele que recebia o dinheiro, naquela época era me parece que 600 cruzeiros que ele recebia e a gente ia se (...), eu ajudava ele. A gente pegava no trabalho 5:30 da manhã acabava 8 horas da noite.

(2)

Fita 9 → lado A

J (cont) Porque tinha muita saca de passarinho. Todo dia tinha uma árvore p'ra cortar galho, tinha aquelas carroça que chamavam burro sem rabo p'ra meu marido arrastar junto com... chamavam até uma empregada que tinha lá p'ra ir ajudando, assim já dava um...

M Quantos anos vocês tinham nessa época?

J Agora só fazendo a conta, eu não me lembro bem não. Só fazendo a conta

M Mais ou menos, uns 60?

J Ah, tinha menos. Quando o meu marido morreu eu fiquei com 59.

M Não, ele?

J Ele... e 6, 65. Ele morreu com 66 anos. E eu fiquei com 59 anos quando ele morreu. Quer dizer eu era mais nova que ele? Não, sou mais nova, "né"? Então, ele já tinha tido um enfarte, já tinha passado por todas aquelas peripécias todas da penitenciária e eu tinha medo que desse um enfarte. Ainda deu um tal de... depois eu me lembro da doença, é uma coisa que dá que geralmente dá em mulher grávida diz que é perigoso. Ele teve aquilo no emprego. Bem então, (...) o trabalho lá era muita coisa. Então, eu não peguei o trabalho lá junto com o patrão, porque se eu pegasse eu ia p'ra cozinha e o meu trabalho era só com ela, e eu queria ajudar "ele" que eu sabia que era muito serviço p'ra uma pessoa só fazer sem prática. Porque ele não tinha prática de ser cozeiro. Eu sei que assim nós vivemos lá 11 meses. Não foi muito tempo não, "foi" poucos meses, poucos meses. Porque ele arrumou alguém, uma pessoa dele, me parece uma irmã, um irmão me parece. Andou lá com esses negócios de andar com uma moça, fez não sei o quê. E ele certamente precisou da casa. (...) Isso foi o que deu p'ra "mim" deduzir depois do caso passado. Ele não me falou isso, não. A causa que ele botou a gente p'ra fora foi dizendo que meu marido era muito mole no trabalho. A causa que ele disse foi essa, mas o caso não foi esse. É que alguém dele fez um erro lá com uma moça e tinha que reconhecer, sei lá, o erro. (...) E o método era 'panhar aquela casa e ele morar. Talvez fazer até o serviço que a gente fazia ou ajudar em alguma coisa. E a gente saiu do casa dele como "que" fosse mole. Houve até uma passagem muito esquisita lá. Por exemplo, quando ele passou a casa tinha uma geladeira. Lá eu vi que a geladeira não tinha luz, falei com ele. Ele disse que depois comprava. Bem, ficou p'ra lá porque eu nunca tinha usado p'ra botar na geladeira.

3

Fita 8 → lado A

J (cont) Nós recebíamos o salário, nós exigíamos que fosse por semana porque nós tínhamos os nossos netos em São Paulo, que o menino 'tava desempregado ganhava pouco e a gente tinha que ajudar. Então, o quê que a gente fazia. Nós "fazia" lá uma compilha michurica pra nós e trazia o dinheiro pra cá. Tava a mãe... a menina pra fazer as compras das crianças. É assim a gente fazia. Quando ele cismava de botar a gente pra fora (...) dizendo que era mole. A gente notou alguma coisa, aí José pediu as contas dizendo que estava de conta. A gente notou que a gente ia sair por causa daquele caso que tinha acontecido. (...) A Bronildes nesse tempo tinha carro. Nós viemos passamos com a Bronildes pra buscar as nossas coisas, que nós tínhamos levado. (...) Não, o que houve que eu ia te contar da geladeira é o seguinte: quando foi um dia, ele foi lá de repente de manhã cedo, abriu a geladeira. Eu fiquei morta de vergonha porque eu não tinha nada na geladeira a não ser água, e eu fiquei morta de vergonha com aquilo. Mas depois eu notei, depois que a gente saiu de lá foi que eu vi que aquilo foi uma espécie de uma pesquisa, era pra ver se a gente era honesto. Porque lá tinha muito raso de fruta. A ave tal come fruta tal, a ave não sei o quê come não sei o quê, o papagaio come não sei o quê. Então, era manga, era laranja, era banana tinha aquelas frutas todas pra dar aos bichos. É ele dizia que a gente podia comer. As vezes José 'tava dando comido aos bichos, pedia uma laranja, dupava ali no lado, jogava a casca fora, pronto. Eu não sou muito amante do laranja nem tocava nela. Manga, caía lá que tinha umas manequinhas, o quê eu 'panhava botava no lugar dos passarinhos. Não ia tirar pra dar pra bichos "comer". Quando ele abriu aquilo eu não notei, fiquei morta de vergonha. Depois que eu saí de lá, foi que eu fui notar. É ele foi ver, eu acho, se a gente era honesto mesmo. Porque se a gente não fosse, aquelas frutas, tudo na nossa mão, a gente pegava um pouco, ele mandou 'panhar, botava um pouco na geladeira. Mas eu fui sempre desconfiada. Sabe, eu sou sempre desconfiada, onde eu piso tô sempre desconfiada de alguma coisa. Pelo que eu passei no passado, eu não perdi aquelas coisas não. Muitas coisas eu ainda tenho aquela sanjinzinha. Então, eu fiquei morta de vergonha, passou por isso mesmo e tal. Quando a gente foi, saiu... Quando a Bronildes foi buscar as coisas, nós já tínhamos outra casa pra ir no mesmo setor. (...) Nós nem voltamos pra lá.

(4)

Fita 9 → lado A

J (cont) O moço queria falar com a gente, que não sei o quê e tal, que 'tava precisando de um caseiro, e que a gente fosse p'ra lá. E ficou da gente ir no Flamengo tratar com essas pessoas, na rua da Passagem. Fomos lá, conversamos com eles. Até eles fizeram um negócio engraçado, que depois a gente saiu de lá até vindo, eu e o meu marido. (...) Porque a mulher dele dizia o seguinte: — Olhe, lá tem galinha, tem porco, vai ter ovos, tem não sei o quê. Tudo que a gente fizer lá, além do que tem, metade é de vocês. Olhe, no dia que a gente matar uma galinha p'ra comer, tem que matar duas. Uma p'ro caseiro e uma p'ra nós. Quando nós "matar" um porco, a metade é nossa, a metade é do caseiro. Isso aí, ovos é dividido. Metade com o caseiro, a metade com "nós". O leite que vai ser vendido, que tem umas coqueirinhas, vai metade p'ra vocês, metade p'ra nós. Então, (...) nós saímos dali achando graça. O José disse assim: — Morena, onde é que a gente vai botar uma barraca p'ra vender isso tudo que a mulher prometeu?! Aí a gente saiu vindo, né?! Que aquilo era... 'tava na cara que era uma fumaça que estava saindo do cabeça deles. Mas a gente não queria saber disso. Queria ir trabalhar, receber o nosso dinheirinho. Dali (...) nós viemos p'ra casa mas...

M Vocês não foram p'ra aquela... p'ro sítio?

J Não, não era sítio. Eu não tinha sítio. Eu 'tava na casa de...

M Não... Nessa casa desse pessoal em que toda metade era de vocês?

J Nós fomos depois. Que ainda tivemos que ir tratar com eles aqui em Flamengo.

M E era aonde?

J A casa (...) era na Pedra de Guaratiba também. (...) Era pertinho do outro. Eu sei que ali só deu p'ra gente tirar as coisas dali e botar lá na outra casa. Mas primeiro nós fomos na casa dos patrões tratar com eles.

(DESLIGADO O GRAVADOR)

J Então, nós fomos p'ra casa. Essa outra casa onde eles tinham prometido a metade de tudo que a gente fizesse lá. Tratou o peço. O peço era menor de que o outro. Lá as coisas já modificavam assim um pouco. Que já tinha vaca p'ra tomar conta, já tinha porcos p'ra tomar conta. Aí eu entendi do mesmo jeito. Entendi da seguinte maneira: a responsabilidade dele e eu p'ra ajudar "ele".

(5)

Fita 9 —> Bodo A

J (cont) E não com a responsabilidade de tomar conta da casa da patroa, se bem que eu tomava. A única coisa que eu não fazia na casa dela era cozinhar. Mas quando ela chegava sexta-feira à noite, eu já cozinha, eu já fazia cozinhas fresquinho p'ra ela tomar. Quinta-feira eu fazia arrumação geral na casa. Botava a roupa de cama no sol, travesseiro. Quando ela chegava estava tudo direitinho. E ela parecia gostar muito de mim. Então, ali já tinha um enfiado que "era" os porcos, que (...) o chiqueiro era feito um junto do outro. Quando a gente ia botar comida p'ra um, os outros "era" capaz de ver (...) por cima do chiqueiro p'ra ver se a gente, a gente tinha muito medo. Não tinham porcos pequenos mas tinha uma porca p'ra dar cria, tá esperando filhote. Tinham as vacas e a gente não sabia tirar leite, vinha um vizinho conhecido deles p'ra tirar o leite. Depois, a gente vendia o leite. Ela disse que eu tinha direito a 1 l de leite, eu tirava 1 l, eu não tirava todo dia. Eu tirava 1 ou 2 por semana por que (...) eu não gostava muito de leite, eu gostava era da nata. E então eu feria bastante o leite todo dia que era p'ra tirar aquela nata, que eu gostava dela com pão. E quando eu eu eu o meu marido no fim da semana, a gente recebia também o dinheiro por semana, e toda semana saía um de nós p'ra "ir" lá em São Gonçalo visitar os netos, aí trazia o dinheiro p'ra ajudar a eles. E a gente pedia a ela p'ra trazer, daquele leite que tinha direito, trazia 1 l de leite também no sábado, p'ra co' p'ra coisa das crianças. Uma semana eu vinha outra semana ele vinha. O que nós achávamos difícil lá foi tirar o leite, o vizinho tirava. E a gente vendia o leite. Tinha ganso. Então, quando nós chegamos lá os ovos que nós recebemos foram 5 ovos. O caseiro que ia sair ainda estava na casa, a gente ficou dentro da casa da dona não ficou na casa do caseiro, até o caseiro sair. O caseiro tinha quebrado a perna lá num negócio com cavalo. E então nós ficamos ali cuidando dos bichos. Tinha coelho, se dava comida, limpava, José cortava a grama de 15 em 15 dias, era quase do mesmo tamanho da outra, mas tinha menos, muito menos passarinhos, tinha pouco passarinho. Mas em compensação tinha vaca que a gente saltava um monte de boi de manhã, quando eles voltavam de tarde tá sempre faltando uma cabeça. E como é que José ia procurar aquela vaca de noite. Então, isso aí era o problema da gente nessa casa onde tinham esses bichos. O porco deu cria, a gente tinha que ter cuidado que o porco não tinha cuidado já tinha tido umas crias, tinha matado →

(6)

Fita 9 —> lado A

J (cont) Da cira que deu, só morreu um, a gente tomou conta tudo direitinho (...). E a senhora dele parecia gostar muito de mim. De vez em quando ela trazia uma coisinha e tal. Então, quando as galinhas começaram a botar. Aí começou galinha a botar, peru, pato, os bichos começaram a botar. E nós começamos a juntar os ovos. Eu sei que de vez em quando eu telefonava p'ra ela p'ra quando viesse na sexta-feira trazer daquelas caixas que eu não sei se você se lembra, aquelas caixas de ovos que era de isoper. Até era bonita, tinha umas brancas, umas azuis, umas rosas. Aquelas caixas suavam, mas eram muito bonitas aquelas caixas e boas que eram leves. Então, eu pedia sempre p'ra ela tantas caixas p'ra botar ovos. Aí juntou muitas caixas de ovos. A pinna juntou lá as pinhas, a gente deu uma, ela botou uns 20 ovos na pinna. Eu disse a ela que não botasse aqueles ovos todos porque os ovos iam estragar, ela disse que já estava acostumada. Mas eu vi que não era acostumada. Eu comecei a notar que talvez fosse porque ela tinha dito que tudo era dividido com a gente, que ela botando 20 p'ra deitar não ia ter p'ra gente. Eu não 'tava fazendo questão de ovos não porque eu nem gosto muito de ovos. Mas já era uma pesquisa, já era uma coisa p'ra "nô" notar. O resultado é que todo santo dia que a penha saía do ninho eu ia lá e tinha ovos quebrados e eu tinha que amassar água, lavar aqueles ovos na água quente, na água morna com um pau, porque 'tava tudo sujo de ovo e aquilo cola se deixasse assim quando saíssem, os peruzinhos não iam poder sair da casca do ovo. Então, eu tinha que lavar aqueles ovos todo dia com um pau molhado com água morna, porque todo dia "amanchecia" ovos quebrados. Até que no fim eu sai, cheguei a sair de lá, não sei quantos dos ovos "saiu", porque isso aí já foi puto da gente sair novamente, que nós não ficamos lá. Porque ela queria uma pessoa, que eu me responsabilizasse pela cozinha e eu não cozinhava. Fui ajudar o meu marido que ganhava o ordenado. Mas eu fazia tudo eu só não fazia mesmo era cozinhar. Eu lavava louça, eu tomava conta das panelas depois que estavam no fogo, eu fazia o café, eu tirava a mesa, eu lavava tudo, eles faziam aquelas curjeida eu que arrumava aquilo tudo. Quer dizer, eu tomava conta de todo o serviço. Arrumava a casa, fazia limpeza geral, de farinha, fazia tudo.

Fita 9 → lado A

J (cont), (...) Responsabilidade de cozinhar diretamente eu não queria. Porque eu não gosto muito de cozinhar p'ra gente rica porque eu só sei cozinhar comida de pobre. Então, eu tinha vergonha e não queria 'panhar aquilo. É mais o José p'ra fazer aquele trabalho sozinho não ia dar certo. Eu sei que quando foi uns tempos depois, meu vito 'teve lá com a minha noiva, foi me visitar lá. O quanto gostou muito do lugar, era perto de uma praia de Mangaratiba. Eu sei que um pouco tempo depois eles queriam uma pessoa que tomasse a responsabilidade de tudo. Quer dizer, da cozinha p'ra quando a patroa chegar, ia sair p'ra outro canto não ia ficar cozinhando em casa, ia sair por ali com certeza pelas praias, sei lá. É ela queria uma pessoa que cozinhasse e eu não quis. Então, por isso a gente saiu dessa casa. Nós saímos dessa casa e foi um negócio engraçado. Quando o casal chegou, era um casal de lavias, quando eles chegaram lá nós ainda estávamos lá na casa. Então nesse dia tinha uma festa, um aniversário não sei de quem, não sei quê. Eu sei que eles mataram um porco. Mataram o porco, se tratou o porco. (...) Aquela casal já ajudou na limpeza de porco. E aí eu fiquei lá também até uma certa hora. Depois eu vim embora p'ra não dizer que eu 'tava esperando uma banda do porco que eu sabia que aquilo era conversa fiada. Os ovos, já tinha 12 dúzias de ovos junto naquelas caixas. Dessas 12 dúzias de ovos eu 'panhei 5 ovos de uma vez e 3 de outra. Quer dizer, todos os ovos que 'tinha' lá eu tirei, 5 ovos de uma vez e 3 de outra, foi só. Mas também isso aí não vem ao caso não que essas coisas aí não tem nada haver. O negócio é o seguinte, nós viemos embora novamente. Falamos p'ra Benildes p'ra ir lá 'panhar nossa roupa. Quando foi no dia de 'panhar a roupa o José foi e aí passou lá na casa dela. Aí p'ra não dizer que ela tinha se esquecido da gente e das promessas que ela tinha feito ela mandou um pedaço do couro do toucinho do porco p'ra gente. Então, (...) quando ela mandou esse couro de toucinho p'ra gente, o José disse que teve vontade de dizer que não queria, mas p'ra não ser chamado de mal educado ele aceitou (...) esse pedaço de couro de toucinho. É a Benildes fez uma algararia danada, disse que o gente ia ficar rico com aquele pedaço de couro de toucinho. Bem, aí ficou por lá. Aí nós começamos a pensar de novo o que fazer. Aí continuamos novamente.

8

Fita 9 → lado A

5 (cont) Uma semana na casa da Nena, uma semana na casa de Eronildes, uma semana na casa da Nena, uma semana na casa de Eronildes. E José procurando p'ra ver se encontrava alguma pessoa conhecida que desse alguma saída p'ra gente, daqueles pessoas antigas. De vez em quando uma pessoa indicava uma pessoa, era um advogado, indicava outra no não sei o quê e nada de chegar alguma coisa de fazer p'ra nós. Bem, eu comecei a trabalhar também e aí eu fui trabalhar com a minha sobrinha. Ela era costureira e eu fui ajudar em 'remate de costura, às vezes costurava também. E eu exigia o pagamento por semana. E o máximo que eu fazia por semana era 100 cruzeiros, mas já dava p'ra dar uma ajuda em casa. Quer dizer, já dava p'ra dar um arroz, um feijão, uma coisa assim. Nesse meio tempo, (...) o Lesue se mudou de lá de onde nós estávamos de perto da Nena. Lesue estava trabalhando mas ele só recebia 100 cruzeiros por mês. E 'tava lá o irmão da Maria, cunhado de Lesue, enfiou na cabeça que a gente tinha que sair dali, que ele alugava a casa, que ele pagava a casa e a gente ajudava assim a lavar a roupa dele, fazer comida, ele 'tava trabalhando. Aí o Lesue foi e caiu no conto. Ele alugou a casa e tal lá em Santa Luzia e nós mudamos p'ra lá. Mas quando nós fomos ver o papel, o papel não 'tava no nome dele, 'tava no nome do Lesue. Resultado, nós quando chegamos com um trocadinho do Recife, que era de quando a gente entregou o dinheiro ao moço do terreno que vendeu e ele deu 3.000 cruzeiros p'ra gente, desses 3.000 cruzeiros p'ra gente a gente foi lá apaulhar a velha, a mãe da Maria p'ra trazer p'ra cá, trouxe um trocadinho, emprestou-se uma parte a Eronildes. Nós fomos nessa época foi em 76, nós já fomos pedir esse dinheiro emprestado a Eronildes que nós já 'tava' numa pior. Bem, o que ele tinha pedido emprestado nós fomos cobrar. Bem então eu fui trabalhar na casa da minha sobrinha, vinha por semana (...) mudamos p'ra Santa Luzia, quando vimos a casa 'tava no nosso nome. O cunhado do Lesue não pagou nem um mês dessa mensalidade. Aí nós combinamos com ele que ele ajudava nas despesas da casa e que o Lesue pegava e pagava a casa. A casa nesse tempo se não me engano já era 400 cruzeiros. Ele recebia 100, gastava dinheiro de passagem de Santa Luzia até Porto da Madrugada. (...) A gente passou pouco tempo nessa casa porque a gente não 'tava aguentando pagar a casa. →

J (cont.) Aí nós falamos com Bronildes, Bronildes cedeu novamente o comodozinho que estava desocupado. Lá voltamos p'ro mesmo comodo. O Cosme com as crianças e eu p'ra casa da Nena. O meu Zi p'ra casa da Nena e eu fui costurar na casa da minha sobrinha, dormia lá a semana toda e vinha no sábado, trazia o dinheiro p'ro meu velho comprar o cigarro e p'ra intervir a compra das crianças. (...) Eu aluguei lá na casa da minha cunhada, jantava e trazia o dinheirinho p'ra comprar as coisas lá p'ros meus netos. Depois que nós voltamos novamente p'ra Buacu, que o Cosme voltou p'ra casinha do Bronildes, com poucos dias Bronildes também começou a pagar a casinha, não me deu quanto. Foi um preço muito mais barato porque eu só 2 cômodos, a outra casa era grande. Então, o José foi e pediu ao Bronildes um pedacinho do terreno onde estava aquela casinha que o Cosme estava p'ra gente fazer um comodo, p'ra sair de dentro da casa da Nena e de dentro da casa dele. Que a casa dele era pequena, a gente dormia até na sala. E a casa da Nena tinha as crianças. (...) A filha dela, pirracenta. Sabe como é? Parieca quando vê uetista, tem uns dells que "gosta" de desfazer. Ela gostava de desfazer das crianças que as crianças estavam doente. E a gente vai vendo aquilo, vai sentindo, vai se checando. Aí a gente pediu, ele consentiu. Disse: — Vocês fizeram o comodo aí, mas contanto que quando eu precisar de vender o terreno vocês não sejam obstáculo. Aí nós prometemos: — Tá bem! Eu faço, pode deixar que eu faço tudo direitinho e não vai ter obstáculo nenhum. Quando foi depois, o José assumiu um trabalho numa viagem em Niterói, na viagem Pendotiba. Então, nessa viagem o trabalho do meu marido era botar água no ônibus. Ficava naquele sol quente, em pé na entrada da cachoeira, num lugar que tem lá p'ra entrada de cachoeira, porque a outra parte estava em conserto, a outra parte da rua. Se fosse na outra parte eles tavam em baixo dum pé de amêndoa, mas como era ali ele estava no sol quente. Então, ele estava ali um companheiro descobriu ele, um companheiro de São Gonçalo, num outro tempo que a gente morava em São Gonçalo antes do golpe. Esse companheiro viu ele, foi lá conversar com ele e não sei se foi através desse companheiro... eu sei que aí a gente descobriu a Fitaq. Onde era que tinha a sede da Fitaq. Aí que fomos conhecer que a Fitaq foi uma organização que nós crianças, tinha uma diretoria, mas que nós não conhecíamos nada. —

(10)

Fita 9 → lado A

5 (cont) Daí a gente passou a conhecer a diretoria e tal. Mas aí José 'tava trabalhando. Depois o Heraldo foi lá, levou um chapéu daqueles de praia p'ra ele, p'ra ele não ficar no sol quente. Eu sei que com pouco tempo que a gente já tinha feito o comodo, já tinha passado p'ra ele, fizemos uma puxadinha p'ra cozinha que só dava o fogão, fizemos uma puxadinha que só dava p'ra puxar o vaso p'ra não 'tá usando o vaso do Cosme, o vaso da Nena, né o vaso sanitário. Eu sei que antes da gente inaugurar o varinho, o lugar do vaso, quer dizer a gente tinha intenção de botar um chuveirinho p'ra tomar um banho ali mesmo apertado, mas antes da gente inaugurar assim com chuveirinho Cronildes vai lá onde José 'tava trabalhando e pede novamente o terreno. Que diz que vai vender. Aí a gente botou a mão na cabeça, ele já trabalhando o quê que ele ia fazer. Que tinha que deixar o emprego p'ra procurar serviços de caseiro, porque o caseiro dá a casa, aquela conversa toda. A gente ficou no Inferno porque eu não gosto de perturbar ninguém. Deu ordem de saída por causa de uma coisa a gente se meteu até num buraco de formiga q' tando vazio, que dizia eu qualquer caseiro. Aí a gente ficou preocupado. Aí José foi procurar a Fetaq que já tinha uma indicação. Encontrou o Heraldo, Heraldo não conhecia nem quem de nós, ficou muito satisfeito, abraçou ele, disse que tinha muita vontade de conhecer quem fundou a Fetaq, que agora já estava conhecendo. Aí lá mesmo eles marcaram uma reunião p'ra eles comparecerem ... não! Aí o José foi e pediu a ele uma ajuda, contou a ele a nossa situação, que que nós 'távamos passando, isso já foi em R\$6, foi seguindo, seguindo até R\$6, já era R\$7, começo de R\$7. Aí o Heraldo disse que ia dar uma ajuda, só não sabia que ajuda que ia dar o gente. Mas que a gente ficasse sossegado que ia dar uma ajuda. E nós 'tamos procurando como fazer (...) p'ra sair dali p'ra Cronildes vender o terreno dele. Quando foi um dia o Heraldo mandou um recado que (...) eu fosse lá com os documentos. O José pensou que ele tinha assumido um emprego p'ra mim. Mas aí quando eu cheguei lá é que tinha uma dona que queria vender uma posse já a uns 2 anos e ela tinha aparecido lá na sede e aí o Heraldo tratou com ela um encontro com a gente também p'ra ela vender a posse p'ra nós.

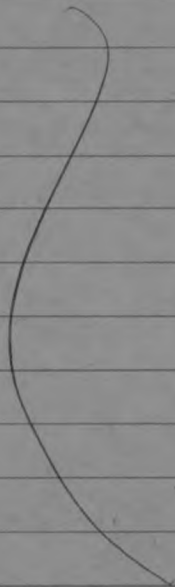
J (cont) Nós não tínhamos dinheiro nenhum que nós "tava" numa pior que Deus me livre. Eu deixei de trabalhar na casa da minha sobrinha porque o meu marido já tava trabalhando e eu tinha que fazer as coisas de casa, tinha que fazer marmita, tinha que fazer tudo. Aí eles "veio, falou" com Heraldo. Heraldo foi lá ver a posse, falou com a moça, comprou a posse, deu p'ra gente. Isso eu agradeço a ele, onde eu estou, tenho muito que agradecer o Heraldo isso, porque graças a Deus eu não pago aluguel, apesar de eu não achar que estou segura porque é uma posse. Eu já fui despejada 3 vezes, não custa nada ser a 4ª. Mas até hoje (...), eu já estou lá a 16 anos e só isso aí já dá p'ra pagar um pouco do sacrifício que eu fiz e dos sustos que passei. Não estou pagando aluguel apesar de ser uma casa de pobre, mas dá p'ra gente passar o sol e a chuva. Tem que dar graças à Deus e a ele por ter colaborado comigo sobre isso. (...) Quando ele comprou a posse p'ra gente, nós passamos com poucos dias nós viemos p'ro Sape, p'ra essa posse que o Heraldo deu e passamos o terreno p'ro Benildes, não atrapalhamos nada. O José aí já não estava trabalhando mais na companhia de ônibus. Um conhecido de partido ou simpatizante do partido que era um advogado, que era o doutor Nilson Marques (...) morava lá num prédio e precisou... Não sei como que José conheceu, com indicação de outras pessoas. Tava precisando de um porteiro noturno (...), aí o doutor Nilson foi lá conversar com ele e ele aí saiu da Penedatiba e foi trabalhar como porteiro noturno. Que ele queria legalizar a situação, que nós já estávamos ficando velhos e ele não tinha carteira assinada. Todas as carteiras assinadas a polícia não devolveu e a gente tinha que comprovar que tinha trabalhado, que tinha descontado alguma coisa por causa do negócio do INPS. E que meu marido já estava doente, tinha tido um enfarto, já se esperava que aquilo ia acontecer novamente e que talvez fosse precisar do INPS p'ra nos dar um auxílio doença. (...) E ele começou a trabalhar de carteira assinada p'ra legalizar a nossa situação no INPS. Parece até que foi uma coisa marcada. José começou a trabalhar de vigia noturno, nós é difícil. E quando foi lá um dia, (...) um dia ele saiu do trabalho, ele saiu às 6 horas da manhã, quando ele saiu do trabalho começou a passar mal. Sentou assim num canto, parece lá de fora. Aí saiu Dr. Nilson quando viu ele, perguntou o quê que havia. Ele disse que estava passando mal

(12)

Fita 9 → Lado A.

J (cont) Aí o Dr. Nilson levou ele no PROCORD. O PROCORD disse que lá não tinha vaga. Mas lá o José sentou assim num canto e começou a vomitar e arrumaram a vaga pra José entrar no INPS imediatamente no PROCORD no CTI, porque 'tava passando muito mal. Quer dizer, foi o 2º enfarte que o meu marido teve. O terreno que o meu filho pediu, que a gente 'tava ocupando, ele só foi vender uns 4 ou 5 anos depois. Pegou a casa que a gente tinha feito ...

(FIM DA GRAVAÇÃO)



5 Então, ele alugou essa casa deu 5.000 cruzeiros. E esses 5.000 cruzeiros se ele tivesse dado de uma vez até que dava p'ra tu dado uma ajuda na casa que a gente 'tava fazendo. Que a casa que nós morávamos lá no sítio 'tava caindo. Era uma casa com aquelas telhas bem grandes, toda virada, parecia um trem, comprida, toda virada, eu tinha medo que aquela casa caísse em cima da gente. Mas ele deu assim de mês em mês, um mês dava 500 cruzeiros, no outro dava 1.000, o outro ... quer dizer, não deu p'ra nada. (...) Deu p'ra gente ajudar em alguma coisa. E ele só conseguiu vender o terreno ... ele alugou a casa um bocado de tempo, durante uns 4 anos, 5 por aí. Eu sei que ele vendeu uns 4 ou 5 anos depois e durante esse tempo todo a casa viria sempre alugada. Nós "achou" até que foi uma arbitrariedade que ele fez com a gente. Mas graças a ele, é que eu tenho que dizer também, graças ao destino que fez com que ele fizesse isso com a gente, que era p'ra gente procurar um lugar p'ra nós mesmo. Que foi aí que a gente descobriu o Herald, que a gente pediu ajuda ao Herald e que a Fetaq, federação dos trabalhadores agrícolas, comprou a posse e deu a "nós" e que graças a Deus nós 'tamos lá até hoje. Quando foi em 83 (...), nós fomos p'ra lá em 1977, foi marcada uma reunião na nossa casa, já uns meses depois, nós já tínhamos o nosso comodozinho pronto, nós começamos fazendo um cômodo por vez. E nós fizemos uma reunião lá, convidamos o Herald. O Herald convidou a direção antiga da Falerj, que depois passou a ser Fetaq que houve intervenção no golpe. E foi o Braulio Rodrigues que tinha sido da direção antiga, José Ruyza da direção antiga, José ... esqueço o nome do outro que é um que era de Magé, que era até presidente do PT ultimamente, que já morreu também, e ele também era da diretoria foi lá. E nós fizemos uma palestra, (...) foi um encontro maravilhoso. Porque eu estava encontrando novamente o meu lugar, eu estava encontrando aquela gente, eu estava encontrando a ... como é que se diz?! uma espécie de uma solidariedade. (...) O Herald levou uma moça lá que estava fazendo um estudo, que queria fazer um tipo de educação sindical, quando ela descobriu através do Herald que a gente estava aí e que foi "nós" que fundamos a Fetaq. Aí ela começou e se ligou com a gente. Foi lá, quando acabou a reunião que saiu, ela voltou outro dia. Aí ficou de vez em quando ela vinha cá p'ra gravar (...) a nossa história. Outras vezes José ia na casa dela. Eu sei que foi assim que nós conseguimos passar todo nosso passado de luta.

Fila 9 → Fondo B

[illegible]

J (cont.) Mas a gente teve aquela aguilha ali. Depois que ele morreu, o partido me ajudou, pessoas do partido me ajudaram com uifas... Então, ele chegou e se aborrecu, lá uma pessoa ofereceu a luz, relógio. Nós corremos no conto, pagamos 3 contos atrasados, pagamos o relógio. O Heroldo me deu os fios, 4 rolos de fios, 4 rolos significavam 400 mehos. O que gastou p'ra lá foi 800 e poucos mehos porque essa pessoa que prometeu a gente o negócio do relógio, quando nós 'távamos com tudo prontinho p'ra mandar ligar a luz, ele deu um jeito da light vir e em vez de ligar a luz tirou o relógio fora, porque ele ficou com o papel que nós tínhamos que pagar e ele prendeu lá e a gente não pode pagar. Quando ele foi mostrar a gente a companhia já tinha avançado o relógio. Foi roubado na casa dele, dessa pessoa, mais de 100 mehos de fio, nós tivemos depois que comprar novamente. Por causa disso meu marido se aborrecu muito e adoeceu. Aí veio o meu entado, que morava no Laramujo, e tinha como naquele tempo, levou a gente p'ra passar uns tempos lá e tal. Nós fomos, ele tinha um barracozinho lá nos fundos no alto do morro onde ele mora. Que o terreno que ele mora é baixo, no asfalto. Mas os outros 2 terrenos lá p'ra uma outra rua e é p'ra uma parte de morro. Mas nós ficamos assim mesmo. Nós ficamos que nem quem 'tava tomando conta daquele barraco, que era um barraco de barro qualquer coisa de coia. Então, qualquer coisa que acontecia que a gente via que não 'tava servindo a gente ia e consertava. Sei que o meu marido ficou ali. Mas aí, o meu entado foi e pediu a ele p'ra manobrar com a construção de uma casa no terreno dele onde a gente estava, mais embaixo. Que eles moravam numa casa pequenininha. Então, pediu p'ro José ser uma espécie de um encarregado. O José disse que não podia, que ele não podia 'tá se aborrecendo com essas coisas, que ele não podia 'tá. Tudo ruim, que ele não podia 'tá fazendo esforço. Aí ele disse que ele não ia fazer esforço nenhum que era só mandar. Eu sei que aí o José achou que estava devendo um favor se meteu e foi servir de encarregado da obra de Bonifácio. O que eu sei é que os rapazes que ele botou lá não eram pedreiros eram aprendizes. E o José ensinava a fazer o serviço e eles faziam de outra maneira. Quando o José reclamava eles diziam que aquilo que dava certo sim. Que aquilo era ideia de velho, que não sei o quê. Quer dizer, já começou a aborrecer o meu velho. O meu velho já começou a ficar triste por aquilo ali. →

3 (cont.) Eu sei que conseguiu ainda cavar, fazer escavação, fazer uma espécie de uma prancha enorme de ... assim igual uma laje grande no chão, p'ra levantar a casa em cima daquela laje porque o terreno era muito baixo. Eu sei que nesse meio tempo, antes de subir as paredes do prédio, ele morreu. Em 83, ele morreu. E uma parte eu agradeço também dessa morte dele, acho que foi repentina, foi dos aborrecimentos que ele teve ali naquela construção daquela casa. Que inclusive no dia de fazer a laje grande p'ra montar a casa em cima, o Cosme 'tava desempregado, 'tava lá em casa, o Edson morava aqui no Laramejo, o José chamou ele p'ra ter mais gente p'ra carregar o cimento porque a laje teve que ser feita num dia que não pode ser emendada. Aí a filha dele telefonou p'ra Eronildes, que estava nessa época trabalhando, que ele era escafandrista, estava trabalhando em Anilândia, Natal. A filha telefonou p'ra ele dizendo que tinha mais 2 operações novas no trabalho. Ele perguntou quem era. A filha disse que eram Edson e Cosme. Ele aí disse que cortasse 2 das operações que estavam lá. Aí o José mandou perguntar quem. Ela perguntou, quando disse assim: Ehte Edson e Cosme, o José tomou aquele choque disse que aí entendeu que ele não gostava dos meninos, que já tinha tido umas coisinhas anteriores. (...) Mas que os meninos numa ocuparam a ele em nada e não sei no aluguel de uma casa que morava ali desde que os primeiros meses morou sem pagar porque ele deu. Ele emprestou, depois começou a pagar. Aí foi que José foi ver (...) que o meu enteadado não gostava dos meus 2 filhos. Mandou tirar eles. Ele ficou triste porque achou que ele não teve confiança nele. Encontrava ele de vez em quando sozinho dizendo assim: — Pais é, ele não teve confiança em mim. (...) Ele sabe que uma laje não se pode fazer de 2 ou 3 vezes. Eu chamei os meninos p'ra ajudar a carregar o material. (...) E ficou assim falando sozinho. Eu notei que ele ficou muito aborrecido. Aí quando foi um desses dias, uns 2 dias depois, que colheu que foi num dia de 2º feira se não me engano, "teve um colega nosso lá (...) que foi um colega que José conheceu através da Fetag, que era o Afânio. E o Afânio foi lá visitar a gente com a mulher. A gente viu muito, fazia brincadeiras. Meu marido tinha saído a poucos dias do hospital que tinha sido interno.

3 (cont) Lá começaram a dizer que tinham trocado nome de comadre de não sei quem, de papapião. Começou a falar lá naqueles negócios que tem lá dentro do hospitais. O Afonso achava graça, ria p'ra chuchu. Foi num dia de 2ª feira. Nessa mesma 2ª feira o José tinha chamado a filha do Bronildes e dado uma aula a ela, e dito porque que precisava de botar mais 2 empregados ali p'ra correr com a loja. Que não precisava mais chamar o Edson e Osme que já sabia que o pai dela não queria, mas que chamasse Fulano e Beltrano, aí deu o nome da dums que ele conhecia que morava por ali mesmo. P'ra ajudar que não pode ser feita de pedaços...

(DESLIGADO E LIGADO O GRAVADOR)

3 Aí eu liquei p'ra Afonso, Afonso veio. A Fetaç foi logo sabedora. O corpo do meu marido, meu filho continuou levando p'ra hospital que tinha que o médico dar o documento, o laudo (...) de que que ele morreu, que ele tinha morrido do coração. E aí o corpo foi p'ra Fetaç, foi velado na Fetaç lá perto da Ponta da Suia. Ali, sabe, já viu qual é a maior tristeza. Foi a minha maior tristeza foi perder o meu velho desse jeito. Eu achava que ele, se não tivesse tanto aborrecimento, que ele tinha vivido mais ou menos uns 2 anos. Aí passou. Aí o Heráldo cuidou de tudo p'ra mim, arrumaram o enterro. Eles lá arrumaram depois do enterro, (...) o Heráldo foi tratar do negócio da aposentadoria, da minha pensão. Não demorou muito, chegou logo. Eles trataram de tudo p'ra mim, graças a Deus. Eles trataram de tudo. (...) A tristeza que eu fiquei que a gente fica quase louco. Mas teve quem desse assistência. (...) Meu enteadado, telefonaram p'ra ele, e ele veio (...) aqui no Rio, foi ao enterro do meu velho. Até pediu que não queria que fizesse discurso porque ele era um líder sindical deveria ter feito um discurso. A Fetaç pediu que não fizesse discurso nem bem que não sei o quê. A gente tá tudo desorientado. E foi assim que a gente conseguiu até aí essa etapa. Depois que arrumamos a pensão, ainda passamos um bocado de tempo naquela ilusão, lá na mesma casinha. A minha casa cá no Sapê e eu na mesma casinha do Bronildes, lá no quintal do Bronildes. Até Bronildes queria que eu fosse morar com a mulher dele lá no mesmo terreno. Eu não quis morar porque eu disse a ele que eu ia mudar o método da família dele. Que o horário de acordar de um é diferente de outro. É as coisas todas.

5 (cont.) Eronildes me chamou até de burro porque eu pegava um pingui-
nho de dinheiro que era a minha pensão, fazia miúdas comprinhas e que
eu podia guardar aquele dinheiro, e viver lá na casa dele, e comer lá com a
Dejanira. Mas eu não gosto de explorar ninguém. Se Deus me deu aquele,
era com aquele que eu tinha que me virar. Passei ainda uns tempos lá,
que eu fiquei com aquela ilusão. Eu via meu velho subindo a escada
p'ra ir lá p'ra casa, eu via ... sentia aquilo, eu via meu velho me chamam-
do p'ra pedir um gole de café. Fiquei ali um bocado de tempo. Os outros
quando "contice" essas coisas sai' fora p'ra se esquecer. Eu não, eu fiz
questão de ficar lá. Fiquei, olha eu não tenho idêntia não, mas eu acho
que foi mais de 6 meses que eu fiquei lá. Nesse meio tempo, o Eronildes ar-
rumou uma dona ... o Eronildes não o Cosme, que na separação da mulher ...
que se separaram ... logo quando a gente mudou p'ro Sapê eles já 'taram se
separando. E ele nessa época estava lá em casa. Ele nunca foi pessoa de
pedir nada, de perturbar a gente, ele vivia a vida dele nós vivíamos a nos-
sa. Mas quando ele deixou a mulher, arranjou lá outra mulher mas depois
não se deu, deixou p'ra lá, a gente nem conheceu quem era. Depois ele veio p'ra
nossa casa, que foi justamente nessa época que a gente morava na casa de
Eronildes. Ai ele, nesse meio tempo, a gente foi numa associação, na as-
sociação de baiano que era no Sapê. Lá ele conheceu uma senhora viú-
va e foi morar com essa senhora ... chamou ela, sei lá. Aquelas ne-
gócio "né"? Foi morar com ela. Eu disse: — Bem, o negócio é o seguinte:
(...) eu não posso dar nada de ajuda a vocês a não ser aumentar a casa.
A gente se ajudar, se unir e aumentar a casa que só tem quarto, sala
e cozinha. Aumenta mais 2 quartos que a dona tem mais 2 filhos. Ai
você vai p'ra lá com os 2 cômodos que a gente faz e eu fico cá. E a gente
morar junto assim. Então, combinamos assim. Ai eu comecei, apertei da-
qui, apertei dali, falei com o partido, pessoas conhecidas do partido, fiz uma
sifa, fiz uma coisa, fiz outra. Até que nós fizemos os 2 quartinhos. Ai
eles passaram p'ra morar lá em casa que é onde moram até hoje. (...)
A pensão era pequeninha, parece que 300 e não sei quê. Depois foi augmen-
tando, passou a 400 e pouco. Eu sei que a vida ... até hoje eu estou com
essa pensãozinha. (...) De tanto se despedida aprendi a costar costura
a fazer costura. —>

5 (cont) Então, eu faço meu gauchinho p'ra interar a minha pessoa. Já desde aquele tempo. Boto, mudo um "fecho-eclat" (...), faço uma reforma num vestido de uma pessoa, reformo uma saia, faço uma costurinha que alguém me peça p'ra fazer. No lugar que eu moro, eu não posso costurar p'ra ali porque é lugar pobre. É a gente p'ra 'panhas costura ali tem que costurar de graça. É assim que a gente está vivendo, que eu estou vivendo hoje. (...) Já nesse meio tempo (...) que começou o pessoal a ajudar atrás da gente com televisão e tudo. Já começou a alguém procurar a gente, (...) entrei na base do partido. O partido me chamou novamente p'ra eu entrar. Até aí eu não estava trabalhando na partidária mesmo. Me chamaram na base. (...) Apesar de que a base do partido eu achava uma base intelectual, mas eu não tava em base nenhuma e eu queria me interar do que havia no partido. E entrei na base em Niterói. Aí um marido tinha uma mágoa porque depois que voltou do norte parecia até um traidor. Não teve ninguém do partido que chamasse ele p'ra botar numa base. Então, eu ainda consegui entrar. Então, (...) foi criado o Centro da mulher brasileira, a pessoa do Centro da mulher brasileira era do partido. E eu entrei no Centro da mulher brasileira. E foi assim que eu comeci a entrar novamente nas organizações de massa. Dali, eu fui a alguns congressos no Rio. Tava uma preparação de uma federação. Eu participei nessa preparação. Eu fui contra a criação dessa federação, que eu achava que devia ser federação de associações de mulheres e não federação de mulheres. Mas mesmo assim foi criada essa federação. Comeci a participar dos congressos sindicais. Quer dizer, aí eu comeci novamente a me interar na luta do trabalhador. Mas o que eu queria mesmo era ver como eu ia entrar na luta do campo que até hoje não entrei do jeito que eu gosto. Se eu tivesse dinheiro disponível eu ia fazer, embora sendo considerado um trabalho voluntário infelizmente, que eu achava que eu devia ter uma ajuda das organizações do campo, p'ra ajudar as mulheres do campo, p'ra conscientizar. O que eu gosto de fazer é o trabalho de conscientização de lavradoras, porque eu sei o que eu passei, e vi o que as lavradoras passaram por não ter um pouco... e que passaram até hoje por não ter um pouco de consciência. Oristi os congressos de lavradoras e o que a gente vê, "vai" as pessoas cabeças dos sindicatos, geralmente nunca vai uma lavradora autêntica (...). Que devia ser até paga p'ra ir lá porque ela não pode perder um dia de trabalho se não, não pode dar comida aos filhos.

3 (cont) Eu acho que tinha que ter uma condição pra o sindicato da categoria pagar aqueles dias que a companheira passasse no congresso. Eu acho que é muito interessante, é muito útil, a trabalhadora rural, ali a massa bruta participar de um congresso. Que foi assim que eu me organizei, foi assim que eu me conscientizei. E eu acho que os outros só se conscientiza melhor é assim. Então, eu tenho muito apoio do Fetaq falado, eles me apoiam, 'tá dizendo que 'tá tudo certo, mas eu não tenho as condições que eu devia ter financeiras, pra trabalhar no campo. Então, eu 'tô trabalhando praticamente na cidade, falando na trabalhadora rural, o quê que a trabalhadora precisa. Quando se faz um congresso no meio dos urbanos eu toco no assunto, eu vou vendo a pauta do dia e vejo onde é que eu posso falar ali a luta do trabalhador rural. Eu tenho que lembrar a todo mundo, que se está de barriga cheia é porque é o trabalhador rural quem planta comida. Enfim, o meu trabalho (...) é isso. Agora eu estou com 68 anos, não estou satisfeita com o método de trabalho com as mulheres do campo. Fui ao 5º congresso de trabalhadores rurais. Achei que foi um congresso muito bom. Terve muitas mulheres. Mas do Rio de Janeiro não foi quase ninguém de mulheres, só fui eu e mais 2 companheiras. Uma foi de Hage, outra fui eu, outra nem me lembro. Quer dizer, de trabalhadoras rurais foi muito pouco. Vai muito é "os homens", as mulheres quase não vão porque não tem conscientização, não tem condições financeiras. O sindicato não tem condições de ajudar as trabalhadoras participarem dos congressos (...). É isso que eu acho que eu não fico. Agora no 5º congresso saiu a (...) resolução da gente fazer a companhia do PAISME, que é sobre a saúde da mulher no campo. E eu não tenho condições de fazer esse trabalho. É lá uma vez ou outra que se faz um trabalho sobre saúde no sindicato de Itaboraí, lá onde eu participo, onde eu sou sócia. Mas que eu não estou satisfeita com esse trabalho. Agora quando eu participo das reuniões (...) do Fetaq é espírito de porco, porque é só pra fazer crítica porque eu não vejo o trabalho andar. Eles "diz" que vai fazer isso, vai fazer aquilo. Mas os sindicatos não se interessam em fazer nada pra divulgar o trabalho da mulher e nem pra conscientização da mulher. Tenho impressão que eles têm é medo do trabalho.

(DESLIGADO O GRAVADOR)

Fita 9 → Bado B

J (...) O que eu tinha que falar sobre (...) a Associação de Mulheres Fluminense, que eles ficavam aí. Eu estava começando, no auge da luta sobre o trabalho de conscientização de mulheres. (...) E eu recebi o convite, participei de várias reuniões onde estava se preparando essa federação de mulheres e eu como já tinha prática, que nós criamos a nossa federação foi com 22 associações. Eu achava que era um trabalho errado, mas não sei se por que eu era trabalhadora rural ou não. O que eu sei é que eles não obedeceram a linha certa que eu acho que deve ser a associação de uma pessoa. E fizeram essa federação. Eu continuei indo lá. Inclusive participei na diretoria como 2º ou 3º vice-presidente, não me lembro bem. Foi uma coisa que eu não gostei, porque eu não gostei daquele tipo de organização. Mas eu queria procurar um jeito de continuar a minha luta no meio do povo, talvez aquilo fosse um começo. Quando foi no ano de 83, no mesmo ano que o meu velho morreu só no mês de junho. (...) Eles fizeram uma conferência e ia ter um seminário no México. E eles me tiraram pra ir nessa conferência, como delegada, pra ir à conferência representar a federação de mulheres daqui.

M 76?

J Não em 83

M No mesmo ano.

J É no mesmo ano que o meu marido morreu, em junho, ele morreu em setembro

M Foi antes? Ah! sim foi antes da morte dele

J Então, eu fui nessa conferência. (...) Eu me interessei também porque falava na Conferência Nacional da Trabalhadora do campo e da cidade, ou da cidade e do campo. E eu com 'tava querendo botar a luta do campo pra fora, eu fui nessa conferência. Só que depois eu notei uma coisa meio que eu não gostei (...), a minha tirada pra ir pra essa conferência (...) eu fui servir de espécie de boi de piranha, sei lá o quê. Pelo seguinte: uma companheira também que era dessa federação que era da diretoria estava em discussão... uma espécie de uma briguinha entre umas duas ou três e esse pessoal era até do MR8. E depois eu fui notar que aquilo ali eu tinha ido pra servir... que quem tinha que ir, segundo o presidente me falou, que quem tinha que ir era ela. Nesse caso era uma moça com o nome de Ana Batista. Então, ela veio na minha casa.

Fita 9 → Bado B

J (cont) E me fez entender que eu estava indo lá p'ro México no lugar dela. E eu então perguntei a ela se ela achava que eu tinha tomado o lugar dela. Que não fui eu que pedi p'ra ir, que foi através da presidente, da outra, que eu tinha sido tirada p'ra ir p'ra lá. E que eu ia representar não era uma pessoa eu tinha ido representar a federação. (...) E um bocado de tempo depois houve uma possibilidade de uma ida à Cuba...

M Para aí, você foi p'ro México?

J Fui p'ro México, participei da conferência, achei um pouco difícil...

M Quanto tempo?

J Foi só uns 3 dias só. Uns 2 ou 3 dias só. Eu achei que foi difícil porque era tudo falado em castelhano. Eu entendo a leitura castelhano devagar e eles falavam muito rápido. Eu não sei se eles aproveitaram nada do que eu falei. O que eu sei é que tem uma coisa que a gente faz que é errado ainda, é que a gente vai nessas conferências de nacional ou internacional e não leva um documento p'ra discutir. Fica discutindo ali de boca a boca. E eu tenho a impressão de que esse trabalho fica meio perdido. Bem, depois houve uma possibilidade p'ra "min" ir p'ra Cuba. Essa mesma federação se reuniu e me tirou como delegada...

M Federação de mulheres?

J A federação de mulheres me tirou p'ra ir p'ra Cuba. (...) Aí marcou uma reunião mais o frente p'ra aprofundar os pormenores. Quando cheguei lá encontrei essa senhora por nome de Ana Batista com outra moça junto botando uma discussão querendo dizer o seguinte: a discussão do jeito que ela colocou, que eu já tinha sido tirada, que eu tinha sido aproveitada. Então, ela fez "eu" entender que quem tinha que ir era aquela outra moça e não eu. Então, aquela reunião que teve, só foi eu, ela e a moça que queria ir. O que estava decidido era o seguinte: (...) ela tinha decidido não ir com quem, que quem ia era aquela moça. Tanto é que não tinha mais ninguém p'ra desmanchar eu só nós 3. A reunião era o seguinte: o português claro que eu entendi é que eu fui lá, e ela queria a presença da minha pessoa p'ra desfazer a minha ida a Cuba e mandar essa outra pessoa. Essa outra pessoa disse que não ia ter mais condições de ir a Cuba. Eu digo: — Mas você é jovem, pode ter condições. Eu é que posso dizer isso que já estou velha.

J (cont) - Estou madura. Eu que posso dizer isso. Agora você mora desse jeito já dizendo isso. Ai ela que foi. Que eu vi que se fosse eu que continuasse dizendo que ia a outra não ia me ajudar em nada. Resultado: Essa moça foi a Cuba, nunca fez uma palestra. Quando foi um dia encontrei a Ana, perguntei pela moça que tinha ido a Cuba. Ela disse que ela tinha até saído do partido

M Elas eram todas _____ por PC?

J Não. Elas eram, essa Ana e outras nesse tempo era do MRB. Essa Ana hoje é do partido, do PPS. Mas naquele tempo era MRB. Ai houve uma briga lá, uma confusão. Aquelles negócio de divisão que eles fazem, foi que ela saiu, outra saiu. Hoje existe essa federação, mas essa federação hoje é um troço maluco. É uma organização do governo. Que pede dinheiro a colher, pede dinheiro a não sei quem no governo p'ra fazer os programas deles aqueles negócios todos.

M Virou assistencialista?

J Não, ele não é bem assistencialista. O dinheiro que eles 'panham é p'ra, por exemplo: vai um pedido d'um dinheiro p'ra ensinar não sei quantas pessoas como (...) acabar com a dengue. Ai arruma aquele dinheiro, tem um nomezinho que dá, acho que é subvenção, sei lá o quê. Aquel dinheiro p'ra fazer aquele trabalho. Eles 'tão nisso não digo p'ra negócio de ...

(FIM DA GRAVAÇÃO)

③

Fita 10 → lado A

M ... 26 de janeiro de 1993.

(DESLEGADO O GRAVADOR)

M 10ª fita de Josefa. Vamos lá Josefa continua.

J Então, como eu estava falando sobre essa federação, p'ra mim não tem significado nenhum, acho que se tornou uma organização do governo. Naquele tempo também tinha campanha, quando eles criaram, tinha campanha de um tal de ... não sei o que heiti. Um candidato que tinha aí, que também estava metido no meio da criação daquela federação. Hoje ela pede as verbas me parece que ao governo. Fizeram agora a pouco tempo um pedido de verbas p'ra ensinar, p'ra um curso sobre saúde. Não sei como é que foi, se saiu, se não saiu, não sei porque eu nunca mais participei. Depois que venceu o prazo daquela direção terminou eu não fui mais lá.

M Ela ainda existe (...), mas ela não é uma instituição governamental?

J Eu não sei se é. O que eu sei é que pede dinheiro ao governo

M Ela funciona aí em Niterói?

J Não é em Niterói não. É no Rio.

M Ah, é no Rio!

J É no Rio, eu não sei onde é a sede não.

M Só uma coisa, você falou na morte do Peneza, ele morreu de enfarte em setembro. (...) Ele nunca conseguiu ter uma atuação de volta ao partido?

J Nessa época que ele voltou ... Quando ele voltou que encontrou a Fetag ele ficou muito satisfeito porque ele achava que ele ia dar uma grande ajuda aos sindicatos rurais, que ele ia continuar na luta dele. Apesar dele não querer mais assumir a diretoria da Fetag, ele não se achava mais com pique p'ra isso. Que ela já estava no meio de uma boa direção, ele nunca pensou nisso. O que ele queria, que ele falou com o Heraldo, foi que ele queria ajudar nos sindicatos, na conscientização dos trabalhadores rurais. Aí o Heraldo deu uma credencial a ele, p'ra ele dar uma ajuda aos sindicatos de Saquarema, São Pedro da Aldeia, Lobo Frio e Araruama. P'ra ele dar ajuda a esses 4 sindicatos. E o José deu essa ajuda, até perto dele morrer em 83. Então, ele foi ajudar ... tanto é que quando ele trabalhou lá em Lobo Frio, tinha uma encenação lá com a diretoria do sindicato, que eu não sei o que é, (...)

M Ele era como representante da Fetag?

J Como representante da Fetag, com a credencial. →

(2)

Fita 10 → lado A

J (...) A Fita pagava as passagens. Então, ele ia fazer esse trabalho. Deu uma boa ajuda. (...) Se tinha alguém da direção que tinha a mania de vender posse, de comprar posse. E a gente sempre achou que esse negócio de vender posse e comprar posse (...), não tem dinheiro vendendo essa e comprando outra. Isso a gente era contra isso. E o José lá ajudou, ajudou, até que veio aquela direção e entrou o João. Essa outra direção com a ajuda do José fez uma direção que foi do sindicato de Cabo Frio, que conseguiram fazer 10 delegacias, (...) hoje não sei se tem uma. Mas naquela época fizeram 10 delegacias sindicais dentro de Cabo Frio, lá por aqueles bairros onde tinham moradores. Indivíduos ainda 'tive em algumas delas ...

M Mas essa sua atuação era maior do que a dele, não era não?!

J Não, não. (...) Ele ia, eu não ia, por que só tinha dinheiro p'ro passagem dele. Lá quando tinha assim um ato, uma posse, uma diretoria eu ia. Ia todo mundo. Ia eu, ia o Heroldo como presidente da Fita, o José ia como quem tinha ajudado naquela luta ...

M Você fala que durante os últimos 14 anos de vida do Puxa foram os melhores anos da sua vida com ele. Porque vocês utilizaram e tinham uma vida mais tranquila porque vocês moravam lá no sapê e ... quer dizer, tinham mais facilidade de ...

J Lá já não foi nesse problema desses 14 anos que eu falei que eu vivi com ele (...) não atendia muito o problema político não. Porque eu sempre 'tava assim na organização, ele também na organização dele. Mas não foi tanto desse jeito aí, porque era a mesma coisa se tivesse ido, como eu fui p'ro México, não teve problema nenhum. Mas é sobre a convivência com ele mesmo, particular, nossa vida particular. Era muito melhor, era o feito que eu queria, particularmente. Nós dois, particularmente vivemos, eu achei, os meus melhores anos os últimos 14 anos. Quer dizer, a gente tinha mais liberdade dentro de casa, que isso sempre passou na minha cabeça. (...) A gente parecia até que tinha casado por aqueles tempos, entendem?! Eu me senti com a minha liberdade de casado. E casado não quando vive com o outro. Que quando eu me casei, meu marido trouxe 2 filhos, eu não 'tava sozinha, era outra coisa. Então, a diferença que eu notei nesses 14 anos foi principalmente na nossa vida a dois, vida que vive a dois. →

③

Fita 10 → lado A

M E quando ele morreu? Você sabia que isso ia acontecer. Você nunca tá preparada, né? Você falou que ficou muito desorientada. Mas você acredita numa vida depois da morte, não acredita?

J Olha, eu tento acreditar no seguinte: Por exemplo, eu acredito, eu desejo que seja verdade (...) que depois de morta a gente se encontra. Não sei se isso é verdade ou não, porque eu vejo falar muita coisa, o mundo tá cheio de muita coisa, a gente escuta muita coisa, eu não sei nada sobre isso, que eu nunca me aprofundei em religiões nenhuma a fundo (...)

M Mas você sempre teve uma quedinha...

J Eu esperei, desejo que a morte faça nós nos encontrarmos.

M (...) Toda hora você resfina isso, que você nunca se pegou a nenhuma religião. Mesmo porque o partido era radicalmente contra qualquer tipo de religião.

J A religião católica, eu já tinha meus...

M Mas você sempre teve uma queda maior pela...

J Pela católica.

M Pela católica? Eu achava que era pela...

J Não, só pela católica. Mas eu nunca fui praticante, o não sei quando era...

M Eu pensei que fosse pelo espiritismo, pela macumba.

J Não. Tenho até medo. Por incrível que pareça, hoje eu tenho até medo de negócio de macumba.

M E mesmo!?

J Inclusive essa...

(DESLIGADO O GRAVADOR)

M Você também tinha me falado que o Bronislav Santiago, ele chegou a participar da juventude comunista em 1956?

J 1952 por aí.

M Ele tinha 16 anos?

J Ele tinha 16 anos.

M E porque que vocês resolveram colocá-lo na juventude comunista?

J Bem, o negócio é o seguinte: o Bronislav sempre foi um garoto rebelde, respondão, malcriado. E ele foi crescendo com aquele negócio de malcriação, de responder. E nós lá em casa, quando chegamos em Xerem que tinha esse centro de macumba que eu te falei, →

4

Fita 10 → Zado A

J (cont) ... a gente aproveitou e fez uma moenda de cana, p'ra aproveitar aquelas pessoas que passavam ali p'ra vender. Eu vendia sempre, eles não obrigados a passar na minha porta. E nós tínhamos esse caldo de cana. O quem tinha as condições de usar aquela cana enquanto a gente estava no centro era o Bronildes. Porque o José estava no centro ajudando como cambono e eu estava como, acho que é o que chamam hoje de um pequeno, sei lá. E eu estava lá ajudando não podia vir p'ra cá. E ele ficava ali. E com aquilo ali ele criou um problema com o pai, que era malariado. A gente não tinha cana, eu tinha que comprar cana no vizinho. Que a gente não tinha plantado cana no sítio. Então, o quê que nós fizemos, ele começou a responder muito o pai e eu estava vendo a hora de que ia haver um atrito muito feio. E pedi a Deus p'ra que não saísse um conflito a ponto de sair morte entre os dois. Ainda cheguei a falar p'ra o José que era capaz de haver uma morte ali entre os dois. Porque estava havendo uma coisa muito feia. Assim como a gente estava conversando com alguém que representava a juventude comunista ali em Xerem que era o Feres. Inclusive houve um congresso mundial...

M "Pera" aí! Essa juventude comunista era em Xerem?

J Não. Ele foi p'ra Campos. Lá tinha um representante dele no nosso meio, que eu sei que era representante como juventude porque houve um congresso na Polônia, não me lembro do nome do lugar, numa cidade da Polônia, sei lá. Houve um congresso mundial da juventude comunista e quem ia era o Bronildes, mas não sei porque votaram o Feres. Feres já tinha mais de 32 anos, tinha filhos, tinha mulher, tinha tudo. Mas foi no lugar de um jovem do Rio de Janeiro, ou de Xerem, não sei. Não sei se foi mais algum do Rio. Eu sei que ele foi. Por isso que eu acho também que ele era um representante da juventude. E aí o José arranjou p'ra que a juventude comunista conseguisse levar o Bronildes p'ra Campos. Aí ele foi p'ra lá, não passou muito tempo não.

Porque ele foi ele devia ter...

M Mas 4 anos não é tão pouco tempo assim.

J B'. Ele... 16 e 4, 20, não foi 4 anos. Sabe porque? Porque ele voltou p'ra servir o exército. Então ele foi com 16 e voltou com 18.

M 2 anos?

J B' 2 anos.

5

Fita 10 → lado A

J (cont) Que quando ele veio p'ro Exército, que entrou. Ele até queria fazer carreira no Exército. Mas ele com o pedantismo dele, o mandante lá, comandante, rei lá quem que manda lá no Exército, o major do Exército, acho que sargento, sei lá, com certeza não gostou dele porque ele era muito pedante, muito preso. E ele fez o curso, ele queria fazer a carreira dele no Exército, e eu não sei o quê que houve lá (...), ele passou em 1º lugar na turma dele, mas esse sargento, que eu não sei quem era, avisou a ele que ele ia passar, mas se ele passasse ele ia baixar ele no conceito p'ra ele não ficar. E baixou mesmo o conceito dele. Ele tirou o 1º lugar na turma mas não ficou ...

M (...): Você acha que ele aprendeu alguma coisa nesses 2 anos?

J Eu acho que não.

M Tinha aula, como é que eram essas reuniões?

J Ah, não sei. Nunca perguntei nada p'ra ele sobre a juventude comunista (...)

M Porque depois que ele saiu do Exército ele nunca participou de nada

J Nada, nada, nada. Foi p'ro Exército, saiu do Exército só saiu namorando a moça que ele casou. Quando veio falar comigo não perguntou nem quem era a moça, disse: - Vou casar com a Fulana. Ele só me participou que ia casar, eu também não tinha nada com isso, mas se ele falasse antes eu dava alguma dica, que não adianta nada, mas pelo menos ... (...) Ele quando saiu do Exército em pouco tempo ele casou. Lá foi morar em Lago Frio. Passou a trabalhar no Alcales ...

(DESLIGADO O GRAVADOR)

M O Zefa, depois da morte do Pameza você teve muita vontade de continuar na luta?

J Continuei como estou até hoje. Só que eu parei um pouco, na hora eu parei um pouco ...

M Mas você chegou a participar de uma associação de moradores do Sapê e da Federação de Nitroí?

J (...) Participei do centro da mulher brasileira em Nitroí, meu marido ainda era vivo. Participei dessa tal de criação dessa federação no Rio. E entrei também como sócia, inclusive fundadora, eu não fui propriamente fundadora porque no dia da fundação da associação eu não estava. Eu 'tava muito ocupada, eu não 'tava em casa. Mas o José foi, Edson foi, são sócios-fundadores da associação dos moradores do Sapê.

⑥

Fita 10 → Rodon

J (cont) Mas eu não gosto muito de trabalho de associações não. Eu gosto do trabalho do lavrador, com lavrador. Porque eu acho o seguinte, talvez seja por isso, eu me sinto... que não sei falar direito, não sei falar bonito, e eu acho que nas associações eles elham muito isso, eu tenho impressões "né" que elham essas coisas. Apesar de ter sido chamada eu participei algum tempo que teve uma comissão de departamento feminino na associação, eu participei, fui eu que ajudei a formar. Mas não fui pra frente com o departamento feminino da associação. Porque essas associações tem sempre alguém na direção que não discute com o outro, fica aqueles negócios de divergência, eu não gosto de ficar no meio de divergência. Quando eu estou numa organização que vejo uma divergência eu me afasto, deixo a calmaria pra depois voltar. Que eu não gosto de discutir com negócio de divergência.

M Aí depois. Você chegou a participar de alguma reunião da Federação de Nutrição, federação de associações de moradores?

J De vez em quando eu participava com a Mirles. Lá o pessoal me conhece e tal, mas eu não... Devido a essas outras tarefas do conselho estadual dos direitos da mulher...

M Como é que você entrou pra CEDIM?

J O CEDIM foi o seguinte: quando foi na criação que nós fomos (—) Moreira Franco... já no tempo de Brizola tinha alguém que queria que se criasse esse conselho, mas o Brizola nem deu bola, não criou-se conselho. Aí entrou o Moreira Franco. Moreira Franco com muita dificuldade conseguiu criar o conselho. Aí eu fui indicada porque tem uma parte de pessoas trabalhadoras, uma parte de políticos e tem outra parte não sei de quê. São 3 partes, com tantos por cento disso, tantos por cento daquilo é dividido pra ter todos os tipos de classe no conselho. Então, eu como representante das lavradoras pedi pra o prefeito, a Fátog pra me apresentar como representante das lavradoras no CEDIM. E o Heroldo representou lá o Fátog, me apresentou, eu fui aceita. Depois depois que saiu o poder do Moreira Franco entrou o Brizola, aí o Brizola continuou..., pessoas entregraram os cargos, aquele negócio de deixar os cargos...

M O CEDIM não é um órgão governamental, não é?

J Eu acho que é, conselho estadual dos direitos da mulher, eu acho que é governamental sim. →

②

Fita 10 → lado A

M É uma associação ligada ao Estado? Eu não sei disso.

J É, ligada ao Estado

M O Estado financia o CEDIM? Paga as despesas?

J (...) Paga as despesas do CEDIM muito mesquinhasmente, em português claro. No tempo que era a Branca a presidente, no tempo de Moreira Franco, eu me lembro que parece que ela ganhava 40.000 cruzeiros por mês. Só a presidente que tinha direito no conselho a receber um ...

M Salário.

J Sim, um salário. Então, ela recebia 40 mil cruzeiros naquela época.

Hoje, se não me engano, a presidente ganha 5 milhões. Mas é só presidente.

(...) Agora ele botou duas vice-presidentes. Eu não sei se nesse conselho que o Brizola fez, nesse novo conselho que tem duas vice-presidentes, eu não sei se as vice-presidentes ganham alguma coisa ...

M Você continua até hoje no conselho?

J Continuo no conselho. Só que eu agora tô indo menos ...

M Mas você é uma conselheira você vai ...

J Eu sou conselheira. Eles sabem, quando tem reunião qual eles me convocam, com teleograma, eu vou. Mas eu já me reuni muito com a comissão de saúde do CEDIM. Eu pertence à comissão de saúde do CEDIM. Por isso que eu me finco o pé em levar o trabalho, a saúde da mulher no campo. Porque eu aprendo com o conselho do CEDIM e levo p'ro campo. Mas eu não acho esse apoio p'ra levar o trabalho de saúde p'ra mulher no campo. É a maior dificuldade do mundo.

M E a sua candidatura, foi em que ano, foi como

J Olha o negócio da minha candidatura foi um troço meio chato. Nunca eu quis saber de direções de cento, isso aí é uma espécie de direções de cento. Mas como não é a gente que (—), tem as pessoas, não sei o quê. Vou falando esse negócio das pessoas, disso daquilo e daquilo outro. Eu digo: no caso de ganhar, que eu sabia que não ia ganhar, tem esse negócio de arcuado, então, tenho que me pegar com uma boa pessoa p'ra me dar inclusive umas aulas, que eu não sei falar direito. Às vezes não falo, sou gagueira, sei lá. Então, eu pensei nisso. Mas isso depois que eu já era candidata. Porque, olha só: eu já tinha sido chamada pelo (—), mas porque tinham sido pessoas que não eram do partido. →

5 (cont) Que não era uma ligadura divergente ao partido. Mas o governo
nada... Quando houve uma eleição em 86, eles tiveram naquela eleição
a ditadura, tinha acabado a ditadura, aquela coisa, e um cha-
manavi. Ou não acitiar a coisa de dentro. Ou dizer: ou não acito, ou não
quero porque eu não gosto da política, ou não gosto de fazer
um trabalho no dia a dia e eu não quero fazer esse trabalho. Ou não
que eu não quero fazer esse trabalho. Ou não quero fazer esse trabalho
(...): - ou não quero fazer esse trabalho, ou não quero fazer esse trabalho
como tarefa. Então, um trabalho como esse aí só se faz para cumprir
uma tarefa do partido. Porque eu não quero fazer trabalho de negócio
de meu trabalho, deputado, não quero fazer esse trabalho. Não quero de
divergência de associação que é uma coisa mais simples. As coisas do par-
tido (...): - ou não quero fazer esse trabalho. Ou não quero fazer esse
trabalho que eu não quero fazer esse trabalho pelo partido comunista brasileiro.
Porque candidato é uma coisa difícil. Deputado federal é de
isso estão na minha cabeça? Não estão. Então, eu acho...

9

Fita 10 → lado A

J (cont) E ela fazia o trabalho da Glória Márcia de manhã e o meu de tarde. A gente, a tarde p'ra onde que eu ia? Fazer campanha na cidade. Onde ninguém me conhecia, sabia quem era. Fui p'ra porta de fábricas na hora de almoço, souco às vezes. A divulgação de papel foi muito pouca. A mimbra particularmente (...) foi 5 mil. Esses 5 mil não deu p'ra o meu trabalho onde eu queria, mas mesmo assim. O trabalho que a gente fez com aliança com os outros chegou nas vésperas das eleições (...), dentro quase daquele período que não se pode mais fazer propaganda. Ai eu tive que jogar o papel todinho fora. Aproveitei aquele resto de noite, (...) a aquela propaganda todinho joguei fora. Ninguém que alguém pegasse e visse mas ninguém ia pegar mais nada. (...) a única que foi mesmo distribuído de mais em mais foi os 5 mil. Todo mundo ficou atirado com a propaganda eleitoral (...), mas a minha foi muito pior. (...) também era candidato. Então, eles não podiam me ajudar porque me parece que era a mesma coisa, o mesmo cargo, quando é o mesmo cargo um não ajuda o outro, entendem. E foi assim que foi. Depois quando a gente foi fazer uma reunião na Fitaq que eu fui falar no assunto, o Haroldo disse o seguinte: que achava que a minha campanha feita, levantada pelo PCB, (...) eles tinham me colocado como boi de piranha e mais nada. Então, foi assim que eu fiz, que foi a minha campanha.

M Quantos votos?

J (...) Se não me enganar foi 196. (...) O que eu gostei é que eu recebi chamado de vários lugares p'ra fazer palestra. Ai eu divulgava a luta pela reforma agrária, a necessidade do pessoal do campo se organizar, a necessidade do povo da cidade dar apoio ao pessoal do campo. O que eu gostei foi isso. Porque saiu isso em vários lugares. Inclusive na ... é um (...) de parentesco católico que tem aí no Rio, (...) federação não sei de quê, esqueci o nome, depois eu me lembro.

(DESLIGADO O GRAVADOR)

J Então, na PUC, organização que eu fui dar uma palestra e que gostaram muito foi na PUC. Tive num colégio lá no Largo da Batalla, fiz palestra em vários lugares.

M Na época que você era candidata?

J Quando eu era candidata. Eu ia fazer a palestra como candidata.

(11)

Fita 10 → Rodo A

J (cont) Como aacha foi o seguinte: quem era direção do Estado era Haurício Grabei, era Carlos Danielli,...

M No PCB

J Carlos Danielli, aquele menino Mota, não me lembro do 1º nome, e Rubens Vaudilei, e tinha mais alguns que eu não tô lembrando. Essa era a direção central do Estado que já tinha sido do Nacional, alguns deles, inclusive do comitê central o ... esse menino Grabei. A gente nos balanços dos congressos tinha também negócio de mudar a direção, de crítica e auto-crítica. E ele desceu por algumas coisas erradas que ele tinha feito, e ele desceu p'ro Estado. Quando foi nessa época do rachão (...) aí ficou: era Partido Comunista do Brasil e eles queriam tirar o "do". Porque significava, segundo os advogados, que era filiado a alguma coisa. Quando (...) a alta burguesia dizia que o partido (...) no Brasil recebia apoio de Moscou, dinheiro de Moscou. Então, os advogados achavam que tirando o "do" esse negócio diminuía. E diminuía também o número de prisões, de tortura, qualquer coisa mais ou menos assim. Quer dizer, facilitava mais p'ra soltar um preso político sendo brasileiro do que, do Brasil. Aí foi por isso que se mudou o nome do partido, tirou o "do". Então, aquela direção que era do partido comunista antigo continuou sendo na antiga, não tá hoje porque morreram. E nós do partido comunista brasileiro tivemos que criar outra direção. Aí nessa outra direção, p'ra nós foi bom porque abriu mais o nosso trabalho. Quem entrou dava mais assistência, dava melhor ajuda, dava apoio, entendem?

M Que antes 'tava ...

J Antes 'tava todo mundo ali não saía. Fazia mas era por cima, uma espécie de quem passou por cima. E ali não, (...) a gente fazia muita coisa. Mas desapropriações, mais lutas, mais esclarecimento, mais conscientização. (...)

M O Edmilson era PC do B, ele ajudava lá o pessoal de Verem, é achô?

J Eu não sei. Edmilson parece que era de Belém, Porto.

M Uma vez na festa do sindicato, não sei se era oportunismo ou se realmente ele ajudava. (...) Na festa da vitória do sindicato ele foi lá. Na festa do sindicato lá eu Verem. Na casa de (...). Mas lá você não foi não, né"?!

J Eu fui na posse da diretoria. Naquele tempo, esse Edmilson, eu tive com a mãe dele. A gente veio de São Paulo e a mãe dele veio junto.

(12)

Fita 10 → lado A

J (cont.) Quando nós éramos candidatos. Eu me lembro que ele era candidato, foi isso mesmo. Não sei p'ra onde que eu fui...

M Mas depois (...) que houve a sua candidatura. O pessoal não teve nenhuma articulação, p' pessoal que perdeu. Tere um grupo que ganhou, não houve uma articulação aí.

J não (...) houve uma reunião, mas uma coisa tão miúda que eu nem...

M E você acha, depois do processo eleitoral você não tem mais nenhuma participação aqui no partido. Além disso você ainda continua participando do CEDIM.

J Mas eu continuei aqui no Rio, nessas campanhas todas. A única que eu não fiz propaganda, trabalho foi essa. (...) Eu fiz campanha p'ro Moreira Franco...

M E como é que foi p'ra você fazer campanha p'ro Moreira Franco?

J (...) Foi que nem no tempo de Getúlio Vargas, p'ra mim foi a mesma coisa. Só que no tempo de Getúlio Vargas eu não fazia campanha porque eu 'tava trabalhando indistintamente. Eu ainda não era do partido, eu ainda morava aqui na cidade e a campanha do Moreira Franco já 'tava...

M Mas o Moreira Franco era de direita, como é que (...)

J Pois é, mas tem esse negócio aí de trabalho político que dá o impulso assim, tem os candidatos e todos esses candidatos é de direita. Então, esses candidatos de direita tem um que é menos rígido. A gente procura aquele menos rígido na campanha.

M Mas naquela época teve candidaturas da esquerda inclusive p'ra governador não tinha só o Moreira Franco.

J (...) Eu sei que teve uma época que teve Moreira Franco, teve Brizola...

M Teve se não me engano Bittar...

(FIM DA GRAVAÇÃO)

J ... da candidatura. Eu votei nele porque era uma tarefa do partido. Não votei porque satisfez. (...) Por aí você vê que eu estava —

M Vocês obedeciam rigorosamente as orientações do partido?

J Eu fazia o máximo que eu podia pra não sair fora (...). Aí dá a prova de que eu estava trabalhando no partido. Não estava trabalhando com tanto afuro, com tanta reivindicação como era antigamente. Porque já era outro tipo de... já tava o partido de outro tipo, de outra maneira, depois do golpe...

M Já não tinha mais aquela coisa... é isso que eu fico assim admirada, sabe por que? Porque depois do golpe, a partir de 80, na década de 80, com a abertura política, com o pluripartidarismo, com a legalização do PT, PC do B etc. Houve uma alteração da estrutura do partido. A clandestinidade não existia mais, a ditadura tinha acabado, quer dizer, você tinha um processo de abertura política. (...) E o PC já não era mais o único partido que representava os interesses da classe trabalhadora, da classe camponesa, não é verdade?

J Eu acho que não tinha nenhum que seja pegado com isso, até hoje acho que não tem nenhum.

M (...) Olha só! Surgem, então, partidos que também se colocam como porta-vozes dessas demandas populares aí. O próprio PT, o próprio PDT, que embora você tenha discordância e eu também, ele representava um discurso populista mas que atingia grandes massas. E não era um discurso inicialmente de direita, não era?

J Mas só que por aí a gente já sabia onde é que ia dar.

M Sei, eu também concordo contigo. Mas veja só, (...) o seu partido não tinha mais, então, uma necessidade de se estruturar daquela forma antiga que ele era estruturado. Quer dizer, com reuniões clandestinas, (...) com aquela obediência ao partido, não existiam mais aqueles núcleos de base, aquela vida orgânica que existia antes, não é verdade?

J Tinha base poucas (...), tanto é que eu enchi numa base do partido.

M Que era das mulheres?

J Não. Enchi na base mesmo mista, base mista. Só que...

M Como é que era essa base, então?

J O meu trabalho era o seguinte: o que eu queria, talvez, o que eu podia fazer até hoje, inclusive, se tivesse. →

(14)

Fila 10 → lado B

J (cont) Era uma base de partido no campo. Uma base do partido comunista no campo. Quando a gente estava antes do golpe a gente tinha uma base no campo. Depois que veio o golpe, o golpe matou todo mundo fez aquela desgraça. E não tinha mais base. E eu estava no centro de Niterói praticamente e tinha que entrar na base de Niterói. Só que a base de Niterói não é uma base de camponês, é uma base "meia" (...) intelectual, intelectualizada. Eu só entei na base...

M Ah! Você começa a perceber que há uma diferença?

J Justamente.

M Antes você achava que os militantes do partido eram realmente camponeses, era gente do povo?

J É! Lá onde eu estava...

M Mas não era todo mundo, era uma mineria que era gente do povo, que era camponês, que era trabalhador. A maioria antigamente também não era intelectual (...)?

J As nossas bases eram de camponês, lavradores. Quem, não sei onde, não sei onde era base de camponeses. Mas eu mandei antes de ir pra lá, pertencio a base de trabalhadores, ele formava células onde ele trabalhava. Todo lugar que ele trabalhava ele ajudava...

M Isso acabou?

J É acabou. Então, nós fazíamos a nova base. Tinha a base de todos os trabalhadores do campo (...) lá em Quem. E tinha a base só de mulher feita por mim e algumas companheiras. Então, era o meu meio. Ali eu tava no meu meio. Podiam falar a verdade e tal, discutir. Agora quando eu cheguei aqui, isso já foi em 80, por aí. 81 que eu ingressei nas bases do partido aqui, já notei uma diferença tremenda porque cidade, gente, é muito diferente. Mas eu entei...

M Como é que era essa coisa? As reuniões eram periódicas, semanais?

J Era. Tinha reuniões assim 1 vez por mês, de 15 em 15 dias, de acordo com... até... ..

M Qualquer pessoa podia participar?

J Se quisesse entrar participar. Das reuniões eu acho que não, tinham que ser os membros do partido. Agora quando tinha um certo tipo de reunião que podia ser todo mundo.

(15)

Fita 10 —> lado B.

J Então faziam-se discussões ali. Eu me senti completamente isolada dentro, no meio do povo. Eu dava o meu parecer do que eu achava ali no que 'tá na se discutindo. Mas eu comeci a notar que quando eu fazia uma proposta, aquela proposta nunca foi levada em conta, entendeu?! Ai eu comeci a botar na cabeça: o quê que eu estou fazendo aqui? Mas isso foi agora a pouco tempo. Eu vinha pau, pau, pau... mas agora a pouco...

M Quem é que participava? Médicos, professores...?

J Muita gente. 8, médicos, estudantes secundários, mulheres de profissões liberais, professora, advogada, médica, entendeu?! Ai é completamente diferente do meu tipo de gente. Eu não entendo. Eu 'tô ali, dou opinião, pergunto se não é melhor fazer assim, se não é melhor fazer assado. Mas não da pra eu entrar e fazer... qual é o trabalho que eu vou fazer ali?! Se eles soubessem, tirassem assim: vamos correr as fábricas. Eu estava no meio das fábricas. Eu 'tô vendo que vou falar como povo. Diz assim: vamos no estaleiro. Como eu fui na minha campanha. Como inclusive a campanha, Fernando foi candidato. Também fiz campanha pro Fernando. A gente ia (...) pro ponto do ônibus do estaleiro. Quer dizer, eu 'tô comigo porque eu sei que 'tô no meio do trabalhador, não é, mas é trabalhador. Agora, dentro mesmo da base eu discuto e tal, mas eu me sinto isolada sabe?! Porque não é a minha classe aquela, não é o meu tipo. (...) Agora depois dessa nova modificação que passou a PPS, eu mais isolada me sinto ainda. Primeiro...

M Por que piorou, você acha?

J Pra mim eu acho, pelo seguinte: porque antigamente se dizia que o Partido Comunista Brasileiro era o partido da classe operária. Agora o PPS (...) pelo jeito não é mais da classe operária, entendeu?! Se é não sei, se não é não sei. Porque não se vê trabalho em fábrica, trabalho em estaleiro, trabalho em metalúrgica, não se vê. (...) Não se vê não, eu não vejo. Pelo menos da base de Nilroci eu não vejo isso. (...) Agora, se eu morasse na casa que tivesse uma base de lavadeira...

M Ai nessas últimas eleições pela primeira vez você votou no cara do PT que é o seu amigo particular?

J Justamente. Um colega de trabalho que já foi do PCB (...) um bocado de tempo ele 'tá no PT. Ele agora até 'tá num lugarzinho mais ou menos...

→

(16)

Fita 10 → lado B

M No prefeito você votou também?

J No prefeito eu não votei nesses que estão aí não. Eu votei no Godofredo.

M Ah, ele também era do PT.

J É do PT.

M Mas nós não conseguimos a eleição (...). Mas lá foi bem votado?

J 'Cê sabe que eu nem sei se lá foi bem votado, não sei.

(DESLIGADO O GRAVADOR)

M Josefa, o que é que você espera hoje? Hoje, o PPS 'tá aí, 'tá participando do governo, Roberto Freire é o presidente, aliás é o representante do partido na câmara. E você 'tá lá, você hoje você sabe que (...) você não tem ajuda p'ra fazer seu trabalho no campo. Até hoje você continua participando do CENIM, e participa de algumas palestras no ISE (?), não é isso?

J Olha eu participo de algumas palestras no ISE porque eu tenho intenção de ajudar. Porque o ISE tem ali dentro a CPT, o CPT não tem que 'tá ligado ao trabalhador rural. Eu vó' lá p'ra ver se eu encontro essa gente, p'ra dar um pouco do meu depoimento, p'ra dar um pouco de esclarecimento, p'ra eles "ver" que queru ver de lá, um pouquinho tem um olho e chegar lá, passar aquele olho do que aconteceu lá p'ra os outros que não 'tão ali apreciando. O que me interessa no ISE é isso, porque tenho a impressão que eu sempre encontro lavradoras lá. Quando tem um ato mais aberto tem lavradoras sim de lá de (...) daquelas motiões. Tem uma motiões Poes porque não sei onde, tem uma motiões lá p'ro lado de Itaguaí que eu já fui até lá... tem mais outro motiões não sei onde...

M (INTERVENÇÕES MÚLTIPLAS SOB A FALA DA ENTREVISTADA, ININTELIGÍVEIS)

J Eu espero encontrar no ISE esse tipo de gente: lavradoras da CPT ou que estão trabalhando ou que estão recebendo uma ajuda de trabalho, de esclarecimento através da CPT. Isso é uma das coisas que eu penso em ajudar quando eu vou no ISE. E também dar um pouco de esclarecimento aquelas meninas, coitadas, que eu acho que aquele pessoal nunca vai sair daquilo (...). Não vai ter coragem. Já disse p'ra elas que se elas quiserem uma coisa melhor p'ra falar da saúde da mulher, sobre sexo inclusive porque é uma coisa horrível nesse negócio de igreja, que elas tem que lutar, que eu acho que elas nunca vão ter...

(17)

Fita 10 → lado B

J (cont.) ... coragem. Mas que elas vão ter que lutar dentro do clero p'ra mudar a estrutura desses tais de estatutos, sei lá, dessas leis eclesiásticas que diz "que o padre não pode casar, que diz que a filha de Maria ... não sei quem não pode casar". Eu acho isso uma besteira, porque se ele não casar mas vai viver com alguém, mas vai 'tá com alguém de noite de baixo dos panos, e eu acho isso errado. E se elas quiserem mudar isso p'ra dar um benefício a elas meses depois, que elas tem que se unir e fazer uma luta p'ra melhorar o estatuto, sei lá, a lei do clero. Então, eu vou com essa intenção.

(DESLIGADO O GRAVADOR)

M (...). Essa é uma coisa que eu gostaria que vocês comessem a pensar, discutir com a gente. Talvez uma outra oportunidade com mais, de mais vagar esse é um ponto. Outro ponto é que eu estou realmente assim decepcionadíssima. A parte da manhã não. A parte da manhã eu achei que a gente conseguiu fazer uma discussão boa, (...) a gente começou até a discutir livro didático, p'ra você ter uma idéia. Isso p'ra gente é novo porque 'tá começando agora 'tá vendo esse tipo de discussão. Porque até agora a gente só reclamava da (...) goleira do teto da escola. Agora a gente 'tá querendo mais (...). E quando nós 'tivemos na Secretaria de Educação onde a professora (—) que estava aqui, uma pessoa que representava a questão de obra, a questão (...) da escola parquial. E levantou a bola da importância da gente 'tá discutindo como trabalhar com temas em sala de aula com os pais, como criar conselhos escola-comunidade dentro das escolas, como discutir processo avaliativo dentro da escola. Onde a gente tem que ter um esforço concentrado da participação popular dentro ..., do aluno também 'tá participando. E instrumentalizar a comunidade, o aluno p'ra poder ter condições de fazer essa discussão. Isso tudo foi discutido lá, assim sabe, como comissão, a comissão pequena lá. Nisso coloca quase 3 horas. Então, eu esperava que o pessoal tivesse aqui. Pouco a pouco, que quando nós vimos ... O Cláudio até convencia já de algumas reuniões e a Juema ... Eu falei "pô", ele ainda vem p'ra cá ainda com (—). Eu fico perguntando realmente se ..., aí eu falo diretamente, se o Sr. Beaul Brizola realmente 'tá indo com as suas prioridades.

M (cont) Porque até então isso foi a bandeira... Foi assim que ele ganhou as eleições na bairrada, foi em cima disso, da educação. A gente contava, e olha que eu não sou do PDT, mas a gente contava, o quê, que pelo menos os CIEPs que estão no esqueleto seriam concluídos, a gente contava que teria mais merenda nas escolas (...). Mesmo que não tenha na rede parcial pelo menos nos 14 CIEPs do município vai ter. Mas viu isso. Para decepção maior ainda nessa nem nos 14 CIEPs a gente conseguiu ter o mínimo que tinha anteriormente no governo passado. Então, eu sinto que a gente teve uma regressão a uns 1000 o nível de educação. O salário do professor tá pior que no governo passado, do Buzza mesmo, da época do Buzza passado. Tá pior ainda. Conseguir ser pior eu não sei como. O CIEP tá pior, tá tudo um caos. Meu Deus! Não tem luz (...) E aí eu pergunto a vocês, porque eu acho que quem tem que responder isso somos todos nós aqui, é vocês, cada um de nós que tá sentado aqui nesse momento. Gente, olha! Se a gente não se junta, se a gente não começa a pensar em começar a correr escola, começar a correr rua, começar a correr associação, começar a correr sala de aula de 2º grau, de 5º à 8ª série. Se a gente não começa a fazer isso, gente, não vai sobrar nada, nada, nada.

Muller: ... paixão política e esse caos. É uma falta de educação.

Homem: Entrando nessa sua fala, assim inicial que eu me lembro é a questão do aluno no horário integral, ele permanecia no CIEP no período da manhã e da tarde na seguinte filosofia: Num período desses ou tarde ou manhã, ele tinha aquela parte de um conteúdo científico como tem todas as escolas. E esse outro período seria realmente pra dar condição a ele de ter assim alguma coisa parecida com o aluno que tem condições, que é o filho do rico. O nosso aluno pobre que não tem condições de ir a biblioteca, de pegar um transporte e se locomover pra uma biblioteca pública. Ele tinha a sua biblioteca do CIEP funcionando com professor e estudo dirigido. Esse aluno rico que o pai paga uma explicadora para auxiliar os deveres de casa, e que o filho do pobre não tem o direito a isto porque o pai não tem condições. Este menino que estudou de manhã, a tarde ele tinha uma explicadora dada para o dever de casa do CIEP, essas que são as 8 horas do CIEP —>

Fita 10 → lado B

Homem! (cont) Esse menino que não tem condições de ir a um teatro porque ele não é filho de rico, ele poderia ter essa parte de teatro dentro do próprio CIEP com professor de educação artística nesse período da tarde. Esse garoto que não pode frequentar os campos de futebol, frequentar os clubes esportivos, esse aluno do CIEP, a tarde terá aulas com professor de educação física. É como aspecto legal do juiz, não educador físico, porque a parte de desportos é de 5ª série em diante, aí ficaria com a parte de recreação. Então, o CIEP no seu horário integral ele diz o seguinte: um período é conteúdo científico o outro é a parte das artes plásticas, é a parte de educação musical, é a parte do teatro, é a parte de biblioteca, é o estudo dirigido dos deveres de casa feito no próprio colégio. Porque se eles saem lá longe ele não tem mais um tempo de fazer dever de casa à noite. Porque há casas nas favelas não tem nem iluminação. Então, essa criança nesse horário integral ele é atendido num todo. Tudo isso que o filho do rico tem lá fora () cinema, ele vai assistir os vídeos na escola e com toda a orientação pedagógica pelo professor. É não simplesmente ver por ver televisão, recebendo informes negativos na sua personalidade. Isso é orientado por professores na questão da sala de vídeo. Então, passa por aí essa questão do horário integral. Essa preocupação. Porque enquanto essa criança tá à tarde, tendo todas as tardes de esportes, de educação física, de educação musical, deveres de casa, explicador, o pai pode estar mais tranquilo e a mãe nessa Baixada Fluminense, se locomovendo como eu vi aqui no documento das cidades do interior para o Rio de Janeiro, e lá podendo trabalhar um pouco mais tranquilo. Porque na realidade o seu filho não vai ficar muito período na escola e muito período na rua. Ele vai ficar com toda a orientação pedagógica. Agora o aluno que por acaso tiver os seus conteúdos científicos à tarde, tem essa parte, que nós chamamos de atividades complementares, pela manhã. Com relação à formação desse profissional que vai passar, vai ministrar esse conteúdo científico, de educação física, das artes plásticas, da parte da sala de leitura, da biblioteca, do vídeo. Nós sabemos que o nosso país tem uma história, todos bem sabem, que a nossa história cultural não é da Europa, que dá valor às artes, que dá valor a essa parte. Ela é muito mais um conteúdo mais concreto como a parte de matemática, de português, as artes não são muito valorizadas. →

Homem (cont) Daí nós não temos até profissionais habilitados nessas áreas. E quem quiser entrar p'lo Estado tem que fazer faculdade de teatro, de música porque é aí onde "vai" surgir as cadeiras em grande quantidade porque nós não temos. Mas o pouco que nós temos e que nós conseguimos arrastar são essas pessoas que são coordenadores do CIEP (...). essas pessoas que vão ajudar os professores de 3ª à 4ª série a dar essa educação geral na parte musical, na parte de recreação. Porque nós sabemos que a partir da lei 5692, de 41 p'la cá, houve uma reformulação no curso de formação de professores, do meu antigo normal. Porque quando a gente se formava no normal no meu tempo, a gente saía com toda a formação de recreação, de educação musical, de artes plásticas. Eu tinha todas essas cadeiras e trabalhei com tudo isso sem precisar de ninguém p'ra me ajudar a dar artes plásticas, a dar a recreação, a ensinar os deveres, não. E até como disse o professor (—), as coisas ficaram muito divididas, de fragmentadas. E com isso o professor acabou se distanciando um pouco desse conteúdo científico dessa atividade complementar. Ele ficou muito preso pela lei 5692 apenas ao conteúdo científico. Então, ele não sabe desenvolver a parte de artes plásticas, de arte musical, de artes cênicas, de artes... entendeu? Então, essa parte nós vamos pegar profissionais, professor da faculdade, que ficarão como coordenadores repassando. Até porque no aspecto legal nós não podemos ter o professor de ed. física de 3ª à 4ª, sim um recreador. Porque a visão que nós temos da parte de ed. física diverge de recreação. Desporto vai divergir dessa parte que o aluno, até determinado idade, até a 4ª série precisa. Então, também nós temos uma situação de 8 meses de muito (—) mas que eu coloquei de início. Foi feito um levantamento, levantamento esse para ver esses profissionais nos CIEPs que existiram no passado, e que o governo anterior retirou esses profissionais para colocar nas escolas de horário parcial. E há uma proposta que já aconteceu de colocar dentro do CIEP o professor que deseja trabalhar dentro do CIEP, e conceder da proposta do CIEP. Porque muitas das vezes o professor como profissional esquece da sua formação. E ao saber do programa especial de educação deveria estudar um pouco mais e tomar conhecimento de como é esse programa especial de educação.

(21)

Fita 10 → Boto B

(cont) E não ouvi falácias sobre esse programa especial de educação. Informa-se mais cientificamente, ler e entender e discutir e aprender para poder depois optar se deseja ficar na escola de horário parcial ou na escola de horário integral. O que ele não pode é trabalhar numa escola de horário integral sem saber o que é o programa especial. Também não é de desejo da secretaria de educação que o professor que tenha a sua vida lá fora, na escola particular que você disse que ganhava mais do que a escola da rede, ele se despenda da escola que ele ganhava mais pra trabalhar por menos. Então, foi dado a ele a oportunidade ainda este ano de preencher um questionário, questionário esse que vai requisitá-lo. Se for desejo dele manter-se no CIEP, permanecerá. Se for desejo dele levar a sua 2ª matrícula para o CIEP, poderá levá-la. Mas se for desejo dele não permanecer no programa especial de educação, porque não entende o programa ou porque não compactua com a filosofia, ele tem todo o direito de se remover para uma escola de horário parcial. E nós já selecionamos, através do questionário, quem desejasse... selecionamos nós... nós demos oportunidade às pessoas que desejassem trabalhar no CIEP a partir do ano que vem com uma ou com duas matrículas. E também permitimos aqueles que não compactuam com o programa especial de educação, se desejarem sair do programa e trabalhar numa escola de horário parcial poderão também. Basta que espere, acontecer em janeiro a remeção. Onde a maioria dos professores já se inscreveram pra remeção. Então, a troca de professores que desejam... só um minutinho... Foi divulgado, houve um prazo para inscrição e essas pessoas se inscreveram. E na época que essas pessoas se inscreveram foi dito: — Não pode pra CIEPs. — Ah, mas eu tenho um CIEP em frente a minha casa, queria tanto trabalhar naquele CIEP! Não pode (...) naquele momento. Não pôde porque depois foi divulgado que quem desejava realmente ir pro CIEP... então, foi feito um cadastro de quem desejava. Agora sim, nós estamos de posse de quem deseja ir pro CIEP, nós temos de posse de quem deseja sair do CIEP. Então nós vamos remover no final do ano nós agora, porque se nós removêssemos agora iria dar uma situação mais caótica ao ensino com esse troca-troca de professores entre as turmas. Então deixamos para no término do ano letivo remover os professores para os CIEPs.

(22)

Fita 10 → lado B

Homem 1 (cont) Após essa reunião, nós vamos para a reunião do horário parcial que foi o caso da inscrição p'ra reunião que nós chamamos de...? que eu citei agora a pouco, que eles fizeram o que? Se inscreveram num... se inscreveram p'ra reunião mesmo só que parcial. Tem um nome especial só que agora eu falhei. E após esses professores estarem satisfatoriamente no ambiente de trabalho de seu desejo, de sua filosofia, o Estado pretende chamar os professores concursados que estão lá fora sabendo que nós ganhávamos um salário avultante, sabendo que nós ganhávamos um salário não digno, mas que desejam assim mesmo, com muita paixão, com muito amor a educação das crianças, entrarem p'ra dentro p'ra ganhar esse mesmo salário. Mesmo que saiba que é p'ra entrar e lutar por causas melhores, mas querem entrar. E o Estado dará oportunidade a esse professor que deixará entrar através da chamada do concurso. E eu quero deixar claro que nós educadores em momento nenhum devemos rejeitar o nosso papel de educador. Lutar sim por melhores salários, mas mostrar um trabalho de qualidade. A professora reclamou, eu sei quanto ela sofreu, passou 5 meses p'ra receber o 1º salário. E eu fui dum tempo que passei 12 meses para receber o meu 1º salário. Ai quem me deu se o meu 1º salário do Estado fosse correspondente a um salário mínimo. Na minha década de 60, quando eu trabalhei ali em São João de Meriti na Vendo Velha onde só passava um ônibus de hora em hora e eu ia a pé pela poeira, eu ganhava menos que um salário mínimo daquela época. E trabalhei 12 meses as custas da minha família para no final do ano receber o meu salário. Opacou Deus a coisa mudou muito. Hoje já não se espera 12 meses. Hoje já não se espera 1 hora o ônibus. Hoje eu já não tinha 45 alunos na sala como eu tive no início da minha carreira. A professora tem 25, ela me informou que tem 25. Pois é, e eu tive 45. E eu quando me removi dessa escola fui p'ra uma outra escola de situações piores. Mas melhorou, melhorou porque os profissionais conscientes lutaram com muita categoria, lutaram mostrando trabalho, mostraram a sua dignidade de profissional. Não se despojaram de ser educador. Eu acho que nós temos que fazer esse gancho que é muito importante, esse paralelo. Mantermos o nosso papel de profissional competente que somos. →

Houve (cont) Mostrar p'ra essa comunidade que está aí fora o nosso valor de educa-
 dor. E ratificarmos, e fazer eles acreditarem o quanto somos importantes para
 o país. E a partir daí termos junto com eles a nossa valorização salarial.
 Então, foi uma época que eu passei. Foi uma época que eu 'tô te responden-
 do atual, o quê que é esse horário integral, porque que existe isso, onde
 nós vamos aquecer esses profissionais para enriquecer. E ora lá possa
 voltar um dia o curso de formação de professores ao antigo curso normal. On-
 de se dava uma visão muito mais ampliada de um professor de 1º à 4ª série.
 E que já está sendo reformulado na secretaria essa questão do curso de for-
 mação de professores. Ainda enriquecendo a fala, eu gostaria até de infor-
 mar a vocês, com relação a fala daquele professor (—), é que esse comple-
 xo do 2º grau, do pré-escolar, do 1º grau. Porque o Sr. Governador deseja no
 seu prédio de CIEP a sua implantação de 1º à 4ª série. Mas nós já 'tamos as-
 sim com estudos bem avançados, até posso dizer, no Instituto de Educação
 de São José de Meriti, construiu no mesmo terreno um prédio onde vai alojar
 o 2º grau. E o CIEP, seu prédio principal, ficará com o 1º grau, e que servirá de
 colégio de aplicação para esse colégio de 2º grau. E ali mesmo dentro vai ser
 construída uma casa de criança. Então, vem aquela tua expectativa que é de
 se o governo. Seu prédio escolar com o 1º grau e o 2º grau. Já está sendo feito,
 já foi feita medida do terreno, já está sendo iluminada a construção. E a
 construção de outras escolas, que nós chamamos de (LELE), aquelas escolinhas
 bairrinhas de 6 salas, 5 salas vão ser construídas nos CIEPs onde existe o ex-
 cesso de alunos. Porque em momento algum o governo vai colocar aluno
 na rua. Se o CIEP tem muitas turmas, para passar para o horário integral
 e ficar com 20 turmas e sobrar alguma, ele só passará para o horário in-
 tegral quando tiver construído a lelezinha para absorver esses alunos.
 Há uma expectativa sua que fala sobre querer ou não querer ficar em ho-
 rário integral. A gente acredita, eu disse: acredita, num turno da ciên-
 cia, dado informativo, registro, que os pais da Baixada que vivem nas ci-
 dades dormitórias que trabalham no Rio de Janeiro, que saem daqui e só vol-
 tam à noite desejam os seus filhos em horário integral. Mas se não for desejo
 dos pais que eles fiquem em horário integral, p'ra eles não p'ra essa lelezinha
 que vai trabalhar com 2 turnos. Aí essa criança que necessita normalmente ir
 para o mercado de trabalho, " — →

(24)

Fita 10 → lado B

Horário 1 (cont) ... sem qualificação nenhuma mas que quer ir à luta, poderá ir à luta. Mas com uma parte mais pedagógica voltada p'ra essa criança que trabalha. Voltada a informá-la mais p'ra uma qualificação profissional, para que essa criança não seja explorada, evitada no mercado de trabalho. Que nem poderia estar nesse mercado por ser criança. Mas, então, o governo pensa assim, horário integral para os que desejam e para os pais que clamam por isso. Para aqueles que desejam que o seu filho fique em horário parcial, será feito horário parcial. Eu acredito que, se eu me lembre assim, alguma coisa você colocou e não foi respondido.

(DESLIGADO O GRAVADOR)